Segundo o filósofo italiano Vittorio Hösle, Hegel é um dos mais ambiciosos, mas também um dos mais grandiosos projetos da tradição. O que Hösle quer nos dizer é que dentro da história da filosofia ninguém antes de Hegel conseguiu desenvolver um sistema filosófico que tivesse respostas para todos os sentidos, e se quisermos investigar até a mais remota concepção filosófica, encontraremos em Platão o único que tão dinamicamente apresentou a filosofia. A grandiosidade do pensamento de Hegel está fundamentada na grande perspectiva que sua obra gerou e o impacto dentro da filosofia: difícil será fazer filosofia sem considerar seus conceitos de dialética, direito, liberdade, vontade, lógica, natureza, espírito, ironia, arte, estética, religião, história, história da filosofia e absoluto. Foram dessas considerações que surgiram diversos pensadores que, criticando-o ou não, foram formados a partir de Hegel, como Schopenhauer, Feuerbach, Kierkegaard, Nietzsche, Marx, Freud e tantos outros.

www.vozes.com.br

Uma vida pelo bom livro

vendas@vozes.com.br

10 Lições sobre HEGEL

Deyve Redyson

Deyve Redyson

10 Lições sobre HEGEL

O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) é o autor de um sistema filosófico que contempla a lógica, a natureza e o espírito. Escreveu uma das obras mais comentadas até hoje e de grande importância para a compreensão da filosofia, que foi a *Fenomenologia do espírito*. Escritor denso, professor sistematizador e profícuo, Hegel ministrou aulas sobre Estética, Filosofia da História, História da Filosofia, Filosofia do Direito e Filosofia da Religião. Sua obra completa chega a vinte volumes, tendo vivido numa época esplêndida na Alemanha, onde pôde vivenciar as obras de Lessing, Winckelmann, Herder, Goethe, Schiller, Hölderlin e vários outros poetas.

A preocupação destas *10 lições sobre Hegel* é fazer uma apresentação geral da obra e do pensamento do filósofo alemão que, desde sua juventude, analisava a filosofia kantiana para reatar a metafísica. Aqui trataremos de seus artigos de juventude e pequenos panfletos que conotam a religião positiva e alcançam a moralidade do direito, ceticismo e que representam profundas investigações da filosofia de sua época no *Idealismo alemão* em Fichte, Schelling e tantos outros, para compreender as formas e divisões iniciais e as modificações, realizadas por Hegel, na constituição de seu sistema, pondo a *Fenomenologia do espírito* como sua primeira parte e estipulando-a como introdução geral à sua extensa lógica

10 lições sobre Hegel

Coleção 10 Lições
Coordenador: Flamarion Tavares Leite

– *10 lições sobre Kant*
Flamarion Tavares Leite
– *10 lições sobre Marx*
Fernando Magalhães
– *10 lições sobre Maquiavel*
Vinícius Soares de Campos Barros
– *10 lições sobre Bodin*
Alberto Ribeiro G. de Barros
– *10 lições sobre Hegel*
Deyve Redyson
– *10 lições sobre Schopenhauer*
Fernando J.S. Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Redyson, Deyve
10 lições sobre Hegel / Deyve Redyson. –
Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. – (10 lições)

Bibliografia
ISBN 978-85-326-4080-2

1. Dialética 2. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831 3. Idealismo 4. Razão I. Título. II. Série.

11-00070 CDD-193

Índices para catálogo sistemático:
1. Hegel : Filosofia alemã 193

Deyve Redyson

10 LIÇÕES SOBRE HEGEL

Sumário

Lista de gráficos

Nota preliminar

Várias foram as edições das *Obras Completas* de Hegel editadas na Alemanha desde sua morte até os dias de hoje, como a *Sämtliche Werke* – Jubiläumsaugabe in 20 bänden (Stuttgart: H. Glokner, 1965) e a *Gesammelte Werke* – Deutscher Forschung Gemeinschaft (Hamburgo: [s.e.], 1975).

Nestas *10 lições sobre Hegel* utilizaremos a mais usual de todas que se registra como *Werke in zwanzig Bänden* (Frankfurt: Suhrkamp, 1969-1971 [MODENHAUER, E. & MICHEL, K.M. (orgs.)] e se apresenta da seguinte forma:

1) *Frühe Schriften (Primeiros Escritos).*
2) *Jenaer Schriften (Escritos de Jena).*
3) *Phänomenologie des Geistes (Fenomenologia do Espírito).*
4) *Nürenberger und Heidelberger Schriften (Escritos de Nurenberg e Heidelberg).*
5) *Wissenschaft der Logik I (Ciência da Lógica I).*
6) *Wissenschaft der Logik II (Ciência da Lógica II).*
7) *Grundlinien der Philosophie des Rechts (Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito).*
8) *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaft I (Enciclopédia das Ciências Filosóficas I).*
9) *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaft II (Enciclopédia das Ciências Filosóficas II).*
10) *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaft III (Enciclopédia das Ciências Filosóficas III).*
11) *Berliner Schriften 1818-1831 (Escritos de Berlim).*

12) *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte (Conferências sobre a Filosofia da História).*

13) *Vorlesungen über die Ästhetik I (Conferências sobre a Estética I).*

14) *Vorlesungen über die Ästhetik II (Conferências sobre a Estética II).*

15) *Vorlesungen über die Ästhetik III (Conferências sobre a Estética III).*

16) *Vorlesungen über die Philosophie der Religion I (Conferências sobre a Filosofia da Religião I).*

17) *Vorlesungen über die Philosophie der Religion II (Conferências sobre a Filosofia da Religião II).*

18) *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie I (Conferências sobre a História da Filosofia I).*

19) *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie II (Conferências sobre a História da Filosofia II).*

20) *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie III (Conferências sobre a História da Filosofia III).*

Werke in zwanzig Bänden. Register

Sempre que necessário utilizaremos as traduções para o português das seguintes obras: *Fenomenologia do espírito* (Vozes, 1997); *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (Loyola, 1995); *Princípios da Filosofia do Direito* (Martins Fontes, 2000); *Estética* (Edusp, 2001-2004); e para o espanhol: *Ciencia de la lógica* (Solar, 1993); *El Concepto de la Religión* (FCE, 1981); *Lecciones sobre filosofia de la religión* (Alianza, 1984).

PREFÁCIO

André G. Ferreira da Silva[*]

A produção do discurso filosófico é complexa. Aciona conjuntos conceituais distintos, estabelece um diálogo entre eles e, o que é ainda mais respeitável, apresenta novas conceituações que podem engendrar um novo conjunto de ideias e conceitos sistematizados, que comumente denominamos de sistema filosófico.

Dentro desta perspectiva, o sistema filosófico hegeliano é um dos mais complexos da história do pensamento ocidental, dado aos diálogos que estabelece com outros sistemas e, em especial, pela coerência do sistema que engendra. A esse quadro some-se a impressão corrente, apreendida por todos que estudam sua obra, que a pretensão hegeliana era de estabelecer um sistema que se colocasse como a síntese da tradição filosófica germânica, cujo arcabouço conceitual tem elementos que remontam suas raízes à tradição grega.

A importância e complexidade do legado hegeliano podem ser avaliadas pelo número e valor dos pensadores que têm sua obra como referência para identificação ou distinção, tais como Marx, Feuerbach, Kierkgaard, Nietzsche, além das releituras empreendidas por Heidegger, Popper, Marcuse e tantos outros significativos teóricos.

Com este preâmbulo queremos situar o leitor na problemática da tarefa que foi assumida pelo Prof.-Dr. Deyve Redyson para, em 10 lições, apresentar uma síntese do sistema

---

[*]Professor-adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – Ufpe.

filosófico de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Tarefa que o autor desempenhou com êxito.

O autor articula o homem ao seu tempo, as obras ao conjunto do sistema, e o sistema ao contexto da história da filosofia. Sem, no entanto, resvalar para a pretensão de ter apresentado a "verdade" sobre a filosofia de Hegel ou Hegel como a "verdade" da filosofia, procedimento algumas vezes recorrente na academia.

Iniciando suas *10 lições sobre Hegel*, o autor situa o leitor no ambiente cultural do então jovem filósofo. Inicia a exposição da obra hegeliana pela "Fenomenologia do Espírito", ponto de partida para a compreensão do sistema como um todo. Para tanto, tece essas suas *10 lições sobre Hegel* pelo fio da lógica inerente ao próprio sistema, lógica que é sem dúvida uma das mais significativas contribuições de Hegel à filosofia, cuja compreensão requer, inegavelmente, estudo árduo. O panorama composto contempla as mais importantes obras do filósofo, sem esquecer das "Lições" (9ª lição), textos compilados por seus pupilos e editados *in memoriam*.

Nas *10 lições sobre Hegel* o Prof.-Dr. Deyve Redyson apresenta uma visão coerente e correta sobre o pensamento hegeliano, que, como afirmamos acima, não se pretende como a "última palavra", mas, sim, as primeiras lições. Que, como toda boa primeira lição, abre o gosto e a inquietação para mergulhos mais profundos.

Assim, estas 10 lições sobre a filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel se constituem para o leitor a entrada agradável e segura para o legado do grande filósofo alemão.

Introdução

Hegel é uma leitura obrigatória dentro da filosofia e de sua história. Difícil é filosofar sem o pensamento de Hegel. Autor de um sistema filosófico que contempla a lógica, a natureza e o espírito, escreveu uma das obras mais comentadas até hoje e de grande importância para a compreensão da filosofia, que foi a *Fenomenologia do espírito*. Denso escritor, sistematizador e profícuo professor, Hegel ministrou aulas sobre estética, filosofia da história, história da filosofia, filosofia do direito e filosofia da religião. Sua obra completa chega a vinte volumes, tendo vivido numa época esplêndida na Alemanha, onde pôde vivenciar as obras de Lessing, Winckelmann, Herder, Goethe, Schiller, Hölderlin e vários outros poetas.

Hegel encontra-se dentro da filosofia especulativa denominada de *Idealismo alemão*. A gênese do idealismo alemão, provavelmente, está ainda em Kant. Praticamente todos os comentadores concordam com a afirmação de que o idealismo alemão parte de Kant, de modo que possa ser compreensível a ideia de que o idealismo alemão é aquilo que está entre o pensamento de Fichte até Hegel[1]. A filosofia denominada de Idealismo alemão vai nascer da corrente do romantismo alemão que se originou no período pós-kantiano em Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), Friedrich W. Joseph von Schelling (1775-1854) e continua em Hegel. Esta filosofia era denominada transcendental, subjetiva e absoluta. Segundo

1. KOPPER, J. *Das Transzendentale Denken des Deutschen Idealismus.* Darsmsdadt: Wissenschaftlicher Buchgesellschaft, 1989. • BONACCINI, J.A. *Kant e o problema do idealismo alemão.* Rio de Janeiro/Natal: Relume Dumará/EDUFRN, 2003.

Fleischer: "Fichte, Schelling e Hegel levaram a metafísica para além de Kant, atingindo níveis de elevação anteriormente inimagináveis – o que não significa que tenham perdido o chão debaixo dos pés e que não possam ser considerados *filósofos da realidade*"[2]. O idealismo de Fichte é um espinosismo invertido, pois ele se opõe ao objeto absoluto de Espinosa que aniquilava qualquer sujeito; para Fichte o eu não é, como para Descartes, um eu admitido com o objetivo de poder filosofar, mas sim o eu real, o verdadeiro princípio, isto é, a "Doutrina da Ciência" de Fichte é destinada a elevar a filosofia à categoria de ciência evidente: "Temos de *procurar* o princípio absolutamente primeiro, pura e simplesmente incondicionado, de todo saber humano. Esse princípio, se deve ser absolutamente primeiro, não se deixar *provar* nem *determinar*"[3]. O idealismo de Schelling configura-se no ir além de Kant, pois, para ele, Kant não apresenta uma explicação satisfatória para a unidade da razão, tanto no seu uso prático como teórico. A partir do princípio do incondicionado, Schelling acredita encontrar a tese fundamental de seu sistema, identificando uma instância acima de todos os aparatos transcendentais e fenomênicos, preconizando assim uma razão intuitiva. Já o idealismo proposto por Hegel sustenta a ideia de que toda a filosofia se fundamenta no idealismo ou retira dele todas as suas bases, adquirindo, assim, um caráter subjetivo e absoluto, ou seja, a proposição de que o finito é o ideal e seus pressupostos estão no ser que esclarece a forma. A filosofia de Hegel é um movimento circular que põe em evidência o sistema filosófico, que para ele se manifesta como: Lógica-Natureza-Espírito. Assim, chega-se ao absoluto.

---

2. FLEISCHER, M. *Introdução* – Filósofos do século XIX. São Leopoldo: Unisinos, 2000, p. 23.

3. FICHTE, J.G. *A doutrina da ciência de 1794*. São Paulo: Abril, 1980, 3. p. 43 [Col. Os Pensadores – Trad. de Rubens Rodrigues].

No Brasil, o pensamento de Hegel chegou cedo, mas não em sua completeza e sua natureza filosófica, pois por muito tempo se ficou à mercê de traduções espanholas e francesas que em certos momentos deixavam que a compreensão de Hegel fosse vista somente em pequenos elementos de sua obra. Hoje já temos as duas grandes obras de Hegel traduzidas para o português diretamente do alemão: *Fenomenologia do espírito*[4] e *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*[5], e, graças aos esforços de Henrique C. de Lima Vaz e de Paulo Meneses, começou a se pensar Hegel definitivamente. Vários livros introdutórios e diversos artigos foram surgindo e completando a bibliografia necessária para um bom estudo sobre o pensamento de Hegel.

Segundo Meneses: "Para entender Hegel é preciso refazer, por nós mesmos, seu périplo dialético e, assim, repensá-lo em nosso idioma"[6]. As variadas formas de entender seu pensamento fizeram de Hegel o pensador mais falsificado da história da filosofia, primeiramente pela complexidade da elaboração de seu sistema filosófico, e, em seguida, pelos intérpretes que fizeram dele um pensador meramente dialético. O pensamento de Hegel está entre os mais bem elaborados e mais criticados da história ocidental[7].

---

4. *Fenomenologia do espírito*. 2 vols. Petrópolis: Vozes, 1990 [Trad. de Paulo Meneses – Após sete edições lançadas pela mesma editora em volume único].

5. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*. 3 vols. [*A Ciência da Lógica*; *A Filosofia da Natureza*; *A Filosofia do Espírito*]. São Paulo: Loyola, 1995 [Trad. de Paulo Meneses e José Nogueira Machado].

6. MENESES, P. *Abordagens hegelianas*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2006, p. 11.

7. Cf. LUFT, E. *As sementes da dúvida* – Investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana. São Paulo: Mandarim, 2001. • LUFT, E. *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

A preocupação destas *Lições sobre Hegel* é fazer uma apresentação geral da obra e do pensamento do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) que, desde sua juventude, analisava a filosofia kantiana para reatar a metafísica, depois da crítica do filósofo de Königsberg, em suas três conhecidas críticas da razão. Aqui trataremos de seus artigos de juventude e pequenos panfletos que conotam a religião positiva e alcançam a moralidade do direito, ceticismo e que representam profundas investigações da filosofia de sua época em Fichte, Schelling, Reinhold, Jacobi, Herder e tantos outros, para compreender as formas e divisões iniciais e as modificações, realizadas por Hegel, na constituição de seu sistema, pondo a *Fenomenologia do espírito* como sua primeira parte e estipulando-a como introdução geral à sua extensa lógica na *Ciência da Lógica* e suas manifestações que completam o sistema da ciência na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* em três volumes. De seus últimos escritos e últimas aulas, organizaram-se as lições proferidas por Hegel em Nüremberg, Heidelberg e em Berlim que versam sobre a estética, as artes, a arquitetura, a religião, Deus, o mito, a história, o direito, o estado, a sociedade civil e a própria história da filosofia.

A obra de Hegel é densa, escrita ora em um alemão clássico, ora em um alemão de difícil compreensão. Muitos de seus críticos afirmam que Hegel é ininteligível e que seus comentadores também o são, mas em vida era um homem tranquilo que desejava a felicidade através da escrita filosófica.

Dessa forma, nos diz Bourgeois: "Hegel é um homem que quis ser feliz, isto é, livre; e que acreditou sê-lo na existência filosófica. Descobriu nesta o cumprimento de seu desejo originário de liberdade; liberdade que tem na felicidade sua prova subjetiva"[8]. Hegel, definitivamente, elevou a filosofia ao conceito.

---

8. BOURGEOIS, B. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel. In: HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. Vol. I: A Ciência da Lógica. São Paulo: Loyola. 1995, p. 383.

Primeira Lição

Hegel e seu tempo

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu aos 27 de agosto de 1770 em Stuttgart, na Alemanha. Filho de Georg Ludwig, um funcionário público, e de Maria Magdalena, que morreu quando Hegel tinha 11 anos de idade. Ele tinha um irmão mais velho, Georg Ludwig, e uma irmã mais nova, Christiane Louise. Entre os anos de 1775 e 1788 frequentou o Ginásio de Stuttgart e formou-se em clássicos gregos e latinos. Em 1788 ingressa no Seminário Luterano de Tübingen, seguindo os estudos eclesiásticos de filosofia e teologia, época em que conhece e firma amizade com o poeta Friedrich Hölderlin (1770-1843) e o filósofo Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854). Ao terminar os estudos e não optando pela carreira eclesiástica, começa a ser preceptor de teologia na casa dos Steiger, uma família da oligarquia de Berna, onde aprofunda os estudos em Kant e Fichte. Em 1797, a convite do amigo poeta Hölderlin, muda-se para Frankfurt, onde também irá trabalhar como preceptor. Ao chegar a Frankfurt o jovem Hegel dispunha de bastante tempo para atividades intelectuais, completando sua formação filosófica e escrevendo o primeiro esboço de seu sistema. Nesta época também começa a escrever pequenos panfletos, envolvendo temas como cristianismo, ceticismo e judaísmo.

Com a morte do pai em 1799, Hegel adquire sua herança e definitivamente poderá abandonar a carreira de preceptor. Logo, em 1801, Schelling o convida para lecionar em Jena, onde apresenta a dissertação *Sobre as órbitas dos planetas*

para poder lecionar como "leitor" (sem remuneração) e, em seguida, sob o apoio de Johann Wolfgang von Goethe, consegue o cargo de professor-associado. No mesmo ano publica o ensaio *Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling* e edita, juntamente com Schelling, o *Jornal Crítico de Filosofia* (*Kritische Journal der Philosophie*) onde publica cinco ensaios, todos em 1802: *Como o senso comum compreende a filosofia, A essência da crítica filosófica, A relação do ceticismo com a filosofia, Fé e saber* e *Maneiras de tratar cientificamente o direito natural*. De 1802 a 1806, profere diversas lições e cursos sobre lógica e metafísica e filosofia do espírito.

Em 1807 publica a *Fenomenologia do espírito*, concebida originalmente como a primeira parte de um sistema da ciência. Nesse ano nasce um filho seu, natural, Ludwig Fischer. Depois do período de Jena vem o período de Nüremberg onde, no ano de 1808, é nomeado professor e diretor do Liceu da cidade. Em Nüremberg escreve discursos pedagógicos e trata de assuntos relativos à educação. Os cursos dados em Nüremberg somente serão publicados após sua morte, com o título póstumo *Propedêutica filosófica*. Em 1811 se casa com Maria Madalena von Tucher, união que durará por toda a sua vida e que lhe dará mais dois filhos, Karl e Immanuel.

A partir de 1812 inicia a publicação da *Ciência da Lógica*, obra densa em três volumes que só terminará em 1816, ano em que foi nomeado professor de filosofia da Universidade de Heidelberg, onde ministra pela primeira vez um curso dedicado à filosofia da arte. No ano seguinte publica a primeira edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* que terá outras duas edições em 1827 e 1830, corrigidas e aumentadas. Em 1818 assume a cadeira de Fichte na Universidade de Berlim, onde dará diversos cursos que o imortalizaram: estética, filosofia da história, filosofia da natureza, filosofia do direito, filosofia da religião e história da filosofia. As aulas de Hegel tiveram grande sucesso, atraindo personalidades de

diversos lugares e seu nome começa a ser ostentado como o grande filósofo da Alemanha. Em 1821 publica *Princípios da Filosofia do Direito*, sua última obra.

Meneses nos dá a expressão do cotidiano de Hegel: "A casa de Hegel era aberta a amigos e visitantes: lá havia festas e recepções. Hegel gostava da dança e da música, e, como bom alemão, apreciava a cerveja. Ele, como também Fichte e Schelling, romperam a tradição celibatária dos filósofos seus antecessores"[9].

Em 1829 Hegel é nomeado reitor da Universidade de Berlim por um ano e começa a envolver-se com a política alemã, escrevendo pequenos artigos que geraram algum desconforto. Aos 14 de novembro de 1831 morre vitimado pela epidemia de cólera que invadiu a cidade de Berlim.

As obras de Hegel (gráfico 1) podem ser classificadas a partir dos períodos de sua vida:

Gráfico 1. Principais obras de Hegel

1801	*Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling*
1807	*Fenomenologia do espírito*
1816/1816	*Ciência da Lógica (Grande Lógica)*
1817/1830	*Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*
1821	*Princípios da Filosofia do Direito*
1805/1831	*Lições sobre Filosofia da História, Estética, Filosofia da Religião e História da Filosofia*

9. MENESES, P. *Abordagens hegelianas*. Op. cit., p. 16.

1) Período de Berna (1793-1796). Hegel esteve em Stuttgart até 1788 e em seguida em Tübingen de 1788 a 1793, tendo contato com a filosofia de Kant, entendendo desde a relação da moral kantiana até seus postulados nas três críticas, *Crítica da razão pura, Crítica da razão prática* e *Crítica da faculdade do juízo*[10], e desta forma constituindo sua relação com a concepção de religião. O período de Berna será realmente o período onde Hegel começará a redação de pequenos textos e a tentativa de construção de um ideal personificado. A este período pertencem as obras:

1793/1794	*Fragmentos sobre a religião popular e o cristianismo*
1795	*A vida de Jesus*
1795/1796	*A positividade da religião cristã*
1796	*Eleusis. A Hölderlin*
1796/1797	*O mais antigo programa de sistema do idealismo alemão*[11]

2) Período de Frankfurt (1797-1800). De Tübingen a Berna o pensamento de Hegel concentrava-se na especulação da filosofia kantiana, em especial sobre a filosofia moral. Hegel neste período tem como preocupação básica as relações entre a razão e a sensibilidade prática, entre o espírito e a natureza. Este período também é marcado por certa influência de Fichte e Schelling. As principais obras seriam:

1797/1798	*Sobre religião e amor*
1798/1800	*O espírito do cristianismo e seu destino*

3) Período de Jena (1801-1807). Hegel começou a teorizar seu sistema ainda em Frankfurt, mas será somente em Jena que a formulação de seu sistema terá definitivamente início. Neste período se encontram as ideias sobre as filosofias de Fichte e Schelling e sua colaboração com o jornal crítico da filosofia. Suas obras mais representativas são:

1801	*Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling*
1802	Contribuições no Jornal Crítico de Filosofia, além do texto acima: *Como o senso comum compreende a filosofia, A essência da crítica filosófica, A relação do ceticismo com a filosofia, Fé e saber* e *Maneiras de tratar cientificamente o direito natural*

4) O Sistema da Ciência. Este período que começa ainda em Jena se estende até Berlim, passando por Nüremberg e Heidelberg, congregando as obras de Hegel que fundaram o sistema da ciência em suas mais diversas apresentações e podem ser classificadas também como as obras redigidas pelo próprio Hegel.

1807	*Fenomenologia do espírito*
1809/1816	*Propedêutica filosófica*
1812/1816	*Ciência da Lógica: A Doutrina do Ser; A Doutrina da Essência; A Doutrina do Conceito*

10. Para uma boa compreensão das três críticas kantianas cf. FERRY, L. *Kant, uma leitura das três críticas*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

11. Existe uma grande dificuldade para saber quem realmente escreveu este pequeno texto. Em 1917 Franz Rosenzweig publicou, sob o título de *Das Älteste Systemprogram des deutschen Idealismus* (O mais antigo programa do idealismo alemão), um manuscrito ocupando frente e verso de uma folha. Rosenzweig atribuiu este texto a Schelling e acredita que Hegel somente teria lavrado o texto. Existe ainda a teoria de que poderia ser sido escrito por Hölderlin. O fato é que este é um primeiro manuscrito que desenvolverá as primeiras ideias dos idealistas alemães.

1817/1830	*Enciclopédia das Ciências Filosófica em Compêndio: Ciência da Lógica; Filosofia da Natureza; Filosofia do Espírito*
1821	*Princípios da Filosofia do Direito*

5) Compilações de cursos. Grande parte das obras atribuídas a Hegel não foram escritas por ele e são resultado de cursos e apresentam, em sua grande maioria, anotações feitas por alunos, e depois organizadas em livro e que compõem grande parte da bibliografia de Hegel. Estaria assim dividida:

1805/1830	*Lições sobre Filosofia da História*
1818/1829	*Lições sobre Estética*
1821/1831	*Lições sobre Filosofia da Religião*
1822/1831	*Lições sobre História da Filosofia*

Hegel acabou despertando interesse em muitos filósofos como também críticas. Muito cedo o pensamento de Hegel trouxe muitos debates na Alemanha entre seus adeptos e seus críticos. Podemos dizer que tudo teve início em 1835, quatro anos após a morte de Hegel, com a publicação do livro de um de seus alunos na Universidade de Berlim, David Friedrich Strauss (1808-1874), chamado *A vida de Jesus*, onde é colocada a questão dos valores religiosos sustentados pela restauração de uma verdade histórica de fatos narrados no Novo Testamento. Strauss traz o pensamento de Hegel como resposta a toda realidade efetiva produzida pela humanidade. O livro de Strauss é polêmico, pois inverte o argumento religioso, atribuindo ao povo a responsabilidade pelo conteúdo de suas crenças, contradizendo, assim, o ideário da doutrina cristã, a saber, a transcendência de Deus. Isso provoca uma cisão entre os hegelianos, que já se apresentavam de duas formas, uma direita ortodoxa e uma esquerda radical. A esquerda hegeliana,

que ganhou mais volume, foi também chamada de *os jovens hegelianos* e caracterizou-se imediatamente contrária ao regime político dominante. Entre seus representantes encontravam-se, além do próprio Strauss, Arnold Ruge (1802-1880), Bruno Bauer (1809-1872), Ludwig Feuerbach (1804-1872)[12] e Max Stirner (1806-1856). Diríamos aqui que Feuerbach é dono de uma das grandes críticas elaboradas a Hegel e seu sistema. Feuerbach foi aluno de Hegel em 1825, assistiu a todos os seus cursos, com exceção da estética, e torna-se um grande entusiasta da filosofia hegeliana, mas, em seguida, tornou-se um de seus maiores críticos[13]. Karl Marx (1818-1883) marca decisivamente o confronto com Hegel a partir de 1843, quando, tomando ciência da *Filosofia do Direito* hegeliana, acredita ser esta apenas uma armação lógica mistificadora da vida social. O jovem Marx se fundamenta em Feuerbach para esgotar suas críticas[14]. Bruno Bauer, com a ajuda direta de Marx, publicou o efervescente e irreverente livro *A trombeta do juízo final contra Hegel, ateu e anticristo.*

---

12. Para mais detalhes sobre os jovens hegelianos cf. SOUZA, J.C. *Ascensão e queda do sujeito no movimento jovem-hegeliano.* Salvador: Centro Editorial Didático/UFBA, 1992.

13. Entender o pensamento de Feuerbach é compreender o materialismo numa fase onde se combatia tanto a especulação filosófica quanto o materialismo proveniente da tradição do Iluminismo. Em sua obra *Crítica à filosofia de Hegel*, Feuerbach enseja sua crítica partindo do início da Ciência da Lógica que trata sobre o começo da filosofia. Para Feuerbach, Hegel poderia ter começado simplesmente pelo ser, ao invés de procurar um ser puro na origem da própria origem. Estas questões foram diluídas com mais intensidade na obra *Crítica à filosofia de Hegel* de 1839. Para saber mais sobre Feuerbach cf. SERRÃO, A.V. *A humanidade da razão* – Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.

14. Cf. FREDERICO, C. *O jovem Marx* – 1843-1844: as origens da ontologia do ser social. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 47-57.

Um Ultimatum, onde defendia que Hegel era um ateu perigoso, passava-se por religioso, mas na verdade era a própria imagem do anticristo[15].

Também se desenvolveu uma direita hegeliana, chamada de *os velhos hegelianos* que empreenderam suas obras pela história da filosofia apoiando-se no pensamento de Hegel. Participaram desta linha Johann Eduard Erdmann, Eduard Gans, Heinrich Oppenheim, Constantin Rössler, Karl Rosenkranz, Karl Ludwig Michelet, que considerava Hegel um filósofo irrefutável, entre outros.

A diversificação da compreensão do pensamento de Hegel e dos grandes idealistas como Fichte e Schelling provocou uma forte reação anti-hegeliana durante o século XIX com Søren Kierkegaard (1813-1855), Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), que, além da perspectiva de criticar o sistema da ciência de Hegel, fundamentavam outras alternativas de pensar o ser, a existência, a realidade, o universal e o particular. Em contrapartida, o hegelianismo também teve sua expansão com Victor Cousin (1792-1867), Hyppolite Taine (1828-1893), Augusto Vera (1813-1885), Benedeto Croce (1866-1952) e Giovanni Gentile (1875-1944), que elevaram o pensamento de Hegel, juntamente com seu sistema, a diversas nuanças dentro do pensamento filosófico. Divulgaram a grandiosidade dos cursos de Hegel e chamaram a atenção para o fato de que o sistema de Hegel era incomparável a qualquer outro.

15. Cf. o capítulo "Os cavaleiros hegelianos do apocalipse". SOUZA, J.C. *Ascensão e queda do sujeito no movimento jovem-hegeliano*. Op. cit., p. 21-28.

SEGUNDA LIÇÃO

Os escritos de juventude

Os escritos de juventude de Hegel compreendem desde o período de Stuttgart (até 1788), passando por Tübingen (1788-1793), Berna (1793-1796), Frankfurt (1797-1800) e inícios de Jena (1801-1807); o período de Nüremberg e Heidelberg já concretiza Hegel como professor e demonstram as primeiras expressões do sistema hegeliano. Nos escritos de juventude encontramos, ainda, um Hegel muito aprofundado no pensamento de Kant. O primeiro contato que Hegel terá com a filosofia kantiana será em Stuttgart durante o ginásio, onde começa a perceber elementos estruturais dentro da filosofia prática kantiana. Existem alguns excertos que nos permitem compreender que Hegel até o ano de 1788 andava seguindo o pensamento de J.A. Ulrich, primeiro professor a levar Kant para uma sala de aula de Jena, e preparando resenhas de textos que montavam temas kantianos como a crítica do problema da relação entre moralidade e liberdade, até os passos das críticas da razão. Percebe-se, também, que, ainda em Stuttgart, Hegel está ciente de um dos problemas centrais da filosofia moral de Kant, particularmente o problema da *Crítica da razão prática* sobre o móbil moral da vontade. Segundo Bekenkamp, Hegel fez várias resenhas sem assinar sua autoria sobre textos kantianos, coisa comum na época[16].

16. Cf. BECKENKAMP, J. *O jovem Hegel* – Formação do sistema pós-kantiano. São Paulo: Loyola, 2009, p. 46-51.

É claro e perceptível que a presença de Kant nos estudos do jovem Hegel é condição *sine qua non* para a formação de sua estrutura de pensamento. Hegel é por alguns intitulado de "um kantiano decidido"[17], por isso é difícil compreender o pensamento de Hegel sem perceber a evolução e a sua gênese a partir da presença de Kant e de suas problemáticas. Hegel é um pós-kantiano, sem dúvida, no modo peculiar que é seu, mas no sentido mais verdadeiro da expressão. Será o próprio Hegel que irá confessar isso: "formei-me na filosofia kantiana"[18]. Também é importante verificar que esta adesão ao pensamento kantiano o leva a identificar a filosofia crítica com o projeto filosófico geral do pensamento, que ainda envolve Fichte e Schelling. Dessa forma: "Hegel aprende em Kant a reconhecer a figura da ipseidade da razão e o tema nuclear da filosofia deste: o problema da unidade configurando-se em sistema"[19].

Em Tübingen Hegel tinha a preocupação com a relação entre o helenismo e o cristianismo, percebia que a figura de Cristo deveria ser um símbolo de luta contra o dogma, o rito e a própria Igreja, fundamentando assim uma ambivalência contra a religião *positiva* em geral.

Nos fragmentos de Berna encontramos os primeiros escritos teológicos de Hegel[20] onde são apresentadas três concepções de religião: a religião popular, vinda de Herder[21] e Hölderlin[22], configurando-se a ideia da religião grega que, segundo Hegel, não era universalista, e sim uma religião atrelada à vida de um povo específico, onde não era imposto um determinado credo, dogmas, regras ou ritos, mas que estava intimamente ligada à cotidianidade de um povo; diferentemente da religião positiva, que estabelece dogmas, regras e instituições, elevando-se assim à característica de racional. Para Hegel o paradigma da religião positiva é o judaísmo, que liga sua positividade à crença numa concepção transcendente; a religião racional que compreende a moralidade como principal característica, herdada de Kant, e revertida por Hegel, sob o nome do cristianismo e de suas concepções morais universais. Os escritos que compreendem este período seriam: *Fragmentos sobre religião popular e cristianismo* (1793-1794), *A vida de Jesus* (1795); *A positividade da religião cristã* (1795-1796); *O espírito do cristianismo e seu destino* (1798-1800) e diversos fragmentos do sistema datados de 1800[23].

Nos fragmentos de Frankfurt, que também envolvem os escritos teológicos de juventude, já encontramos um conceito de

---

17. Cf. DIETER, H. *Hegel in Kontext*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971, p. 22.

18. HEGEL. "Carta a Duboc, 30/07/1822". In: HOFFMEISTER, J. *Briefe von und an Hegel*. Vol. II. Hamburgo: [s.e.], 1969, p. 327.

19. FERREIRA, M.J.C. *Hegel e a justificação da filosofia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1992, p. 38.

20. Assim foram chamados pelo editor N. Nohl: *Theologische Jungenschriften*.

21. Johann Gottfried Herder (1744-1803) filósofo alemão que muito contribuiu para a superação do Iluminismo e que lançou as bases do romantismo alemão. Cf. SAFRANSKI, R. *Romanticismo* – Una odisea del espíritu alemán. Madri: Tusquets, 2009, p. 19-29.

22. Friedrich Hölderlin (1770-1823), importante escritor e poeta alemão que estava envolvido no movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), contribuiu para a geração do romantismo alemão, colega de Hegel em Tübingen. Autor de obras como *Hipérion*, *A morte de Empédocles* e dos belíssimos poemas *Sobre o Reno* e *Pão e vinho*, entre outras.

23. Existe uma tradução em língua espanhola que apresenta alguns destes textos de juventude de Hegel. Cf. HEGEL, G.W.F. *Escritos de Juventud*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

absoluto firmemente esboçado e estabelecido. Hegel envolve-se com a ideia spinozista do *ens absolute infinitum*, mas rapidamente supera essa vinculação e diagnostica um ponto primaz, a saber, o absoluto é *espírito*, isto é, o *espírito absoluto*. Dessa forma, Hegel enxerga no *Absoluto* a unidade e a diversidade simultâneas, pois, para ele, o *absoluto é o que é a si mesmo*.

No panfleto *Diferença entre os sistemas de Fichte e Schelling* de 1801 encontramos um Hegel que é tanto histórico como lógico, que compreende a história da filosofia como continuidade do pensamento. Este texto tem quatro partes: a primeira intitulada de *As diversas formas que aparecem no filosofar dos nossos dias*, que é um texto sistemático, em seguida *A exposição do sistema de Fichte*, logo após *Comparação entre o princípio de Schelling e o de Fichte* e se encerra com *Acerca do ponto de vista de Reinhold e a filosofia*. Nesse escrito Hegel considera que a filosofia de Schelling satisfaz a exigência de reestruturar a unidade dos opostos. Na realidade, Hegel apresenta a filosofia de Schelling a seu modo, acrescentando-lhe a problemática da identidade como algo que atualiza seu todo finito, que o conserva em si, ao passo que a identidade que Hegel combaterá mais tarde no prefácio da *Fenomenologia do espírito*, é uma identidade em que desaparecem todas as diferenças, uma identidade como indeterminação.

Os artigos do *Jornal Crítico de Filosofia* (*Kritische Journal der Philosophie*) também trazem textos de Hegel sobre religião, direito e ceticismo. A ideia da composição do jornal vem de Schelling, que outrora pensava em fazê-lo com Fichte, mas depois de muitas desavenças intelectuais resolve fazer essa empreitada juntamente com Hegel. Este, ao chegar em Jena em 1801, era desconhecido e o *Jornal Crítico de Filosofia* o lança ao alcance dos filósofos. Hegel publicou neste jornal os textos: *Como o senso comum compreende a filosofia, A essência da crítica filosófica, A relação do ceticismo com a filosofia, Fé e saber* e *Maneiras de tratar cientificamente o direito natural*. Em maio de 1803 o jornal tem seu fim a partir da saída de Schelling de Jena e também pela discordância entre seus editores. Para Hegel, o jornal crítico de filosofia serviu como uma base sólida para seu engajamento dentro dos meios filosóficos da época.

No pequeno texto *Fé e Saber*[24] de 1802, Hegel continua a análise das filosofias de sua época, desta vez se lançando na filosofia de Kant, Jacobi[25] e Fichte. Em sua introdução, Hegel traz à tona a polêmica anti-iluminista do *dogmatismo do esclarecimento (Dogmatismus der Aufklärerei)*[26], onde a negação do conhecimento do absoluto atribui ao saber apenas um objeto *finito e empírico*. Assim nos diz Cesarino: "Nesse sentido, a crítica hegeliana à racionalidade direciona-se à racionalidade iluminista que, por sua vez, até os nossos dias, não se iluminou"[27]. Para Hegel, Kant sai do fenômeno por meio da fé racional. Mas o que é a fé racional? A fé em Deus só permanece fé enquanto a razão atua no finito e a natureza é sentida no finito. Hegel, assim, recrimina Jacobi

---

24. O título verdadeiro é *Fé e saber* ou a filosofia da reflexão da subjetividade na completude de suas formas enquanto filosofias kantiana, jacobiana e fichteana.

25. Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819).

26. Hegel escreve: "O dogmatismo dessa mania de esclarecimento e do eudemonismo não consistia, portanto, em fazer da bem-aventurança o deleite supremo, pois se a bem-aventurança é compreendida como ideia, ela deixa de ser algo empírico e contingente, bem como algo sensível" (cf. HEGEL. *Fé e saber*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 24 [Trad. de Oliver Tolle]). Hegel usa *Aufklärerei* e não *Aufklärung*. O sentido aqui é pejorativo.

27. CESARINO, H. "A razão *a priori* em Hegel". *Revista de Filosofia* – A questão do sujeito, dez./91, p. 49. João Pessoa: Ufpa/Departamento de Filosofia.

por admitir que as coisas externas, finitas, têm uma realidade verdadeira; recrimina-o por falar de fé na existência das coisas finitas, quase colocando no mesmo plano essas coisas e o próprio absoluto. De Fichte, a reprovação já vinha desde o manuscrito da *Diferenças entre os sistemas*, onde para Hegel a unidade do Eu e não Eu nunca é alcançada, permanecendo sempre um dever-ser.

Os períodos de Nüremberg e de Heidelberg, que representam, efetivamente, a saída dos escritos de juventude, que definem a entrada no programa de sistema, ainda reúnem alguns escritos e discursos sobre diversos temas como a educação, o direito e as ciências. Foram por alguns chamados também de escritos pedagógicos, pois são fruto de aulas para as séries superior, média e inferior. Estes papéis foram tidos por Karl Rosenkranz como uma *confusão de papéis*, por conterem cadernos originais, ditados e notas. Neles encontramos aspectos de seu sistema filosófico e materiais sobre o ensino de filosofia. Entre esses escritos estão: *Enciclopédia filosófica para a classe superior* (1808), *Doutrina da consciência para a classe média* (1808-1809), *Lógica para a classe média* (1808-1809), *Lógica para a classe inferior* (1808-1809), *Doutrina do conceito para a classe superior* (1808-1809), *Lógica para a classe média* (1810-1811), *Doutrina do direito, dos deveres e da religião para a classe inferior* (1810), *Doutrina da religião para a classe média e superior* (1811-1813) e ainda *Dois fragmentos*.

Terceira lição

A fenomenologia do espírito

A *Fenomenologia do espírito* foi terminada, segundo Hegel, na noite que precedeu a batalha de Jena, "um desses acontecimentos que só se produzem a cada cem ou mil anos"[28] e que lhe permitiu ver passar o cavalo de Napoleão, segundo Bourgeois: "Hegel admira em Napoleão o restaurador racional do estado, que soube unir o princípio da centralização exigida pela soberania estatal e o princípio da participação exigida pelo espírito de liberdade próprio à época"[29]. A *Fenomenologia do espírito* é a obra mais genial de Hegel, publicada pelo filósofo aos 37 anos de idade e que demonstra grande genialidade, segundo Kroner:

> A genialidade brilha na *Fenomenologia* pela vastidão e originalidade da concepção, pela maestria incomparável no uso dos procedimentos dialéticos da razão, pela prodigiosa riqueza do texto, pela força poderosa de um estilo que forja para a filosofia uma nova linguagem de surpreendente plasticidade. Ordenada num vasto desenho histórico-dialético que rememora, interiorizando-o no conceito[30].

---

28. HEGEL. *Briefe von und an Hegel.* Vol. I. Hamburgo: [s.e.], 1969, p. 172 [HOFFMEISTER, J. (org.)].

29. BOURGEOIS, B. *O pensamento político de Hegel.* São Leopoldo: Unisinos, 1999, p. 87.

30. KRONER, R. *Von Kant bis Hegel.* Tübingen: [s.e.], 1961, p. 134.

A *Fenomenologia do espírito* (1807) será um livro mais louvado do que propriamente lido: foram necessários vinte e dois anos para a primeira edição de 750 exemplares se esgotarem. É o primeiro texto sistemático de Hegel e vem se demonstrar como a primeira parte do sistema da ciência, cuja composição é indicada pelo seu conteúdo, pois revela uma lógica de assemelhação à metafísica e às ciências da natureza e do espírito; na verdade, um saber emergente.

A *Fenomenologia do Espírito* está destinada a assegurar a ponte entre a fenomenologia e a lógica, surgindo assim como a primeira parte da ciência de um sistema da ciência. A fenomenologia do espírito (gráfico 2) não é outra coisa senão o entendimento de se conduzir a consciência ao seu mais alto grau, a lógica. A fenomenologia chega até onde se inicia a lógica. O prefácio à *Fenomenologia do espírito* (Vorrede) fora escrito posteriormente à redação do restante da obra. Isso já nos serve como demonstração da interlocução que Hegel pretendia fazer entre uma ciência e o real efetivo, nascedouro da ciência como ciência de sistema. A introdução à *Fenomenologia do espírito* (*Einleitung*) que fora escrita em simultaneidade ao restante da obra nos direciona à compreensão dos três grandes momentos do trabalho: *A consciência; A consciência de si* e *a Razão*, que nos leva a toda a estrutura da obra com o *Espírito e a religião*. Por isso nos diz Hyppolite:

> A *Fenomenologia* não é uma numerologia nem uma ontologia; contudo, ainda permanece como um conhecimento do absoluto, pois o que mais se haveria de conhecer uma vez que "somente o Absoluto é verdadeiro, ou somente o verdadeiro é Absoluto?" Todavia, no lugar de apresentar o saber do Absoluto em si e para si, Hegel considera o saber tal como este é na consciência; e é precisamente desse saber fenomênico, a criticar-se a si mesmo, que ele se eleva ao saber Absoluto[31].

Nessa introdução, a finalidade de Hegel é explicitar o problema da cognição para a qual a obra se constitui entre os efeitos da consciência e de sua efetividade enquanto experiência.

A *Fenomenologia do Espírito* seria: "o itinerário da *alma* que se eleva ao *espírito* pelo intermédio da *consciência*"[32]. O caminho que Hegel descreve na *Fenomenologia* é o do conhecimento natural que se dirige para o verdadeiro saber, ou o caminho da alma que percorre a experiência completa de si mesma e chega ao conhecimento do que ela é em si mesmo.

Segundo Lima Vaz, "O ponto de partida da *Fenomenologia* é dado pela forma mais elementar que pode assumir o problema da inadequação da certeza do sujeito cognoscente e da verdade do objeto conhecido. Esse problema surge da própria *situação* do sujeito cognoscente enquanto *sujeito consciente*"[33]. A ideia desenvolvida na introdução da *Fenomenologia* é clara: a filosofia deve ser ciência, mas a ciência, enquanto se apresenta, é ela mesma um fenômeno, não tendo ainda o seu apresentar-se sido levado e desenvolvido até a sua verdade. Ao todo ela também vincula uma ideia de aparição que é ainda um saber *não verdadeiro* de ciência: "Segundo uma representação natural, a filosofia, antes de abordar a Coisa mesma – ou seja, o conhecimento efetivo do que é, em verdade, - necessita primeiro pôr-se de acordo

---

31. HYPPOLITE, J. *Gênese e estrutura da* Fenomenologia do espírito *de Hegel*. São Paulo: Discurso, 1999, p. 20.

32. Ibid., p. 27.

33. LIMA VAZ, H.C. "Apresentação – A significação da *Fenomenologia do espírito*. In: HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 12 [Trad. de Paulo Meneses].

sobre o conhecer, o qual se considera ou um instrumento com que se domina o absoluto, ou um meio através do qual o absoluto é contemplado"[34]. Logo, o saber, enquanto fenômeno, ainda não é autêntico saber, na verdade, ele é o dado conhecido, mas o conhecido porque o conhecemos, não porque é sabido.

A primeira parte da *Fenomenologia* é dedicada à *consciência*. É o momento onde o objeto do saber está diante do próprio saber independentemente deste; é o que acontece na certeza sensível, na percepção do intelecto. Já a autoconsciência não surge como autoconsciência mesma, mas manifesta-se primeiro como vida, e a primeira manifestação da vida é o *apetite* para autoconservar-se. Aqui temos a plena realização da autoconsciência, descrito como a famosa dialética do *senhor e do escravo*[35]. Este famoso episódio da filosofia hegeliana se encontra no início da segunda parte da *Fenomenologia do espírito*, intitulada *A consciência de si*, e tem sua continuidade no capítulo quarto chamado "A verdade como certeza de si mesmo". Duas autoconsciências estão uma diante da outra: cada uma quer afirmar só a si mesma e ser reconhecida pela outra; mas, se na luta ambas ou até uma só morresse, não se alcançaria o reconhecimento; portanto, é preciso que uma das duas autoconsciências seja subjugada, mas não

34. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Parte I. Op. cit., p. 63.

35. Da parábola de Hegel diz Lima Vaz: "A célebre dialética do Senhor e do escravo, tal como é apresentada por Hegel no capítulo IV da *Fenomenologia do espírito* e em outras passagens de sua obra tornou-se uma das encruzilhadas do pensamento pós-hegeliano, sobretudo desde que Marx fez dessa página de Hegel uma das chaves de leitura da história universal". LIMA VAZ, H.C. "Senhor e escravo – Uma parábola da filosofia ocidental". *Ética e direito*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 183.

morra. Seja subjugada significa: tornar-se escrava da outra. O escravo é aquele que teve medo da morte, e para ter salva a vida aceitou a submissão; o senhor é aquele que aceitou o risco da morte. O domínio do senhor se exerce por meio das coisas que são objeto do apetite: o senhor é aquele que desfruta e usufrui, enquanto que o escravo trabalha para o senhor.

Gráfico 2. A fenomenologia do espírito

A partir disso nasce uma cisão na própria autoconsciência entre o aspecto imutável e o que se contradiz continuamente, que ganha aqui o nome de consciência infeliz. A consciência infeliz é a atitude que encontra correspondência no cristianismo, principalmente o medieval, no qual a ideia do absoluto é imutável; na verdade esta consciência infeliz não deve se isolar nela mesma e sim efetivar sua noção e seu conceito como algo determinado, isto é, tornar-se razão. Assim, chegamos à razão, que em Hegel é a certeza que a consciência tem de ser toda a realidade. Outro elemento na *Fenomenologia do Espírito* é o espírito, que só se torna espírito com a eticidade.

Esclarece Meneses:

> A Fenomenologia do Espírito é uma propedêutica à filosofia, enquanto mostra como o saber, passando por várias figuras, eleva-se sofridamente do conhecimento sensível à ciência. Tal procedimento é original, não sendo nem uma introdução convencional, nem discursos sobre os fundamentos da ciência; e, menos ainda, o entusiasmo que começa de inicio com o saber absoluto, descartando todas as posições diferentes[36].

Após a autoconsciência e suas nuanças no espírito e na razão alcançamos dentro da *Fenomenologia* o que vai ser denominado no sistema hegeliano de espírito objetivo. A religião começa na filosofia do espírito absoluto, que compreende tanto filosofia como religião e que trata também de arte na contemplação religiosa, estética e filosófica. Há aqui, ainda, a ideia de religião natural e religião artística.

É também na *Fenomenologia* que Hegel, antes de Nietzsche, afirma que *Deus morreu*: "A morte é o sentimento dolorido da consciência infeliz, de que *Deus mesmo morreu*"[37]. Dessa forma endossa Hegel: "O espírito absoluto, representado na pura essência, não é decerto a pura essência *abstrata*; mas, antes, essa, justamente por ser só [um] momento do espírito, afundou até o [nível de] elemento"[38].

---

36. MENESES, P. *Para ler a* Fenomenologia do espírito – Roteiro. São Paulo: Loyola, 1992, p. 18.

37. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Parte II. Op. cit. VII: A religião; C: A religião revelada, p. 204. Cf. tb. p. 184.

38. Ibid., p. 195.

QUARTA LIÇÃO

A grande lógica

A *Ciência da Lógica* (*Wissenschaft der Logik*) publicada entre 1812-1816, chamada por muitos de *Grande lógica*, consiste em dois volumes. O primeiro chama-se *A lógica objetiva*, que contém dois livros: *A doutrina do ser* (1812) e *A doutrina da essência* (1813). O segundo volume chama-se *A lógica subjetiva* à qual pertence o volume *A doutrina do conceito* (1816). Hegel, em 1831, conseguiu fazer uma revisão do primeiro livro *A doutrina do ser* e não teve tempo para revisar o restante da *Ciência da Lógica* deixando assim um prefácio à segunda edição datado de 7 de novembro de 1831, uma semana antes de sua morte.

Sem nenhuma dúvida, dentre todas as obras de Hegel, a *Ciência da Lógica* (gráfico 3) tem um lugar destacado no sistema da ciência que o imortalizou[39]. Depois da *Fenomenologia do Espírito*, apresentada por Hegel como a primeira parte do sistema da ciência, esta *Ciência da Lógica* escrita entre 1812 e 1816, deveria expressar, segundo a declaração de Hegel no prefácio à primeira edição, a segunda parte do sistema, juntamente com a filosofia da natureza e a filosofia do espírito. Mas ao suprimir, para a segunda edição da *Fenomenologia* (edição póstuma em 1832), o subtítulo de primeira parte do sistema, parece que Hegel resolveu encarar esta *Ciência da Lógica* como uma introdução a todo o sistema da

39. Cf. FULDA, H.F. *Das Problem einer Einleitung in Hegels Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1965, p. 17-18.

ciência que seria exaurido em sua *Enciclopédia*. Segundo a tradução espanhola da *Grande Lógica*, Rodolfo Mondolfo alerta: "A *Fenomenologia* contém de certo modo a gnosiologia hegeliana; a *Ciência da Lógica*, a metafísica. Mas tem-se que diferenciar radicalmente está lógica da lógica formal, tradicional, e será esta diferença que justamente demonstrará a importância filosófica deste livro no sistema de Hegel"[40].
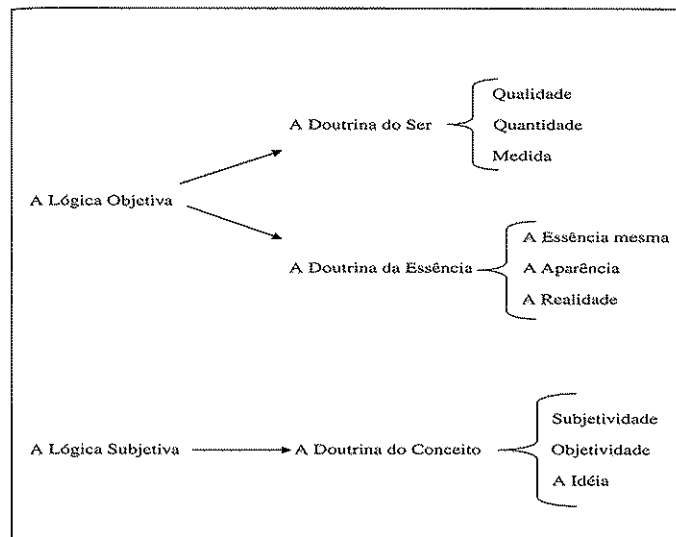
GRÁFICO 3. Estrutura da Ciência da Lógica

Terminada a epopeia da *Fenomenologia do espírito*, a *Ciência da Lógica* é elevada a ciência do espírito puro, seguida pela natureza e pelo espírito. A história subjetiva

40. MONDOLFO, R. Prólogo. In: HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la lógica*. Parte I. Buenos Aires: Solar, 1993, p. 10 [Trad. de Augusta e Rodolfo Mondolfo]. Pode se conferir também em UTZ, K. *Die Notwendigkeit des Zufalls*. Paderborn: Schöningh, 2001, p. 13-22.

desenvolvida e reconstruída na *Fenomenologia* é colocada em paralelo com a história objetiva reconstruída pelo sistema da ciência. Esta nova lógica que Hegel quer instituir no lugar da tradicional se fundamenta, como diz na introdução, no problema procedente da gnosiologia kantiana, cujo dualismo, de pensamento e ser, nos transporta para a percepção de que a consciência é efetivamente o que é, isto é, um trânsito de nossa consciência ao ser em si e ao ser fora de si.

De forma semelhante a Kant, Hegel sustenta que a lógica não tinha realizado nenhum avanço desde Aristóteles e que todas as estruturas modais que foram criadas pelos estoicos e medievais não passavam de "simbolismos universais". Em suas *Categorias*, Aristóteles enumerou e definiu os tipos mais gerais de predicados aplicáveis como *substância, qualidade, quantidade* etc.; já em *Da interpretação* o estagirita nomeia a *proposição* e *os juízos*. Kant em sua *Crítica da razão pura*, na seção *Doutrina transcendental dos elementos*, define a lógica transcendental como a ciência que, em contraste com a lógica formal, determina a origem, que alcance a validade objetiva dos conhecimentos *a priori*[41].

Hösle nos demonstra as estruturas das categorias lógicas na *Ciência da Lógica* a partir de quatro funções:

> A *Ciência da Lógica* quer cumprir propriamente *quatro* funções que, na história da filosofia anterior a Hegel, com poucas exceções (Platão, Aristóteles, Neoplatônicos), competiam em quatro disciplinas diferentes, fundidas por Hegel em uma unidade. Em primeiro lugar, a *Ciência da Lógica* vista em termos de história da filosofia é herança da filosofia transcendental moderna [...] Em segundo lugar, a *Ciência da Lógica* deve ser uma *lógica* – isto é, uma doutrina do

41. Cf. KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995, p. 92 [A57, B81 – Trad. de Manuela Pinto dos Santos].

> *pensar correto* [...] Em terceiro lugar, essa obra quer ser uma *ontologia* [...] Em quarto lugar, a *Ciência da Lógica* quer ser uma *teologia especulativa*[42].

A tarefa hegeliana empreitada na *Ciência da Lógica* (gráfico 4) é a realização de uma verdadeira ciência lógica, onde ela é primeiramente uma nova elaboração da metafísica, portanto uma ontologia, e é ao mesmo tempo uma lógica, não modal, mas sim uma lógica verdadeiramente científica, de forma que as categorias e formas lógicas não seriam como em Aristóteles ou em Kant, mas geradas dentro de um método imanente fundamentado na ideia do absoluto.

Será que a filosofia contida na *Ciência da Lógica* de Hegel é somente abstrata e subjetivista? Hegel explicita na *Ciência da Lógica*, ou grande lógica:

> *Em primeiro lugar*, porém, é inadequado dizer que a lógica abstrai de todo o conteúdo, que ela ensina somente as regras do pensar, sem se deter no pensado, nem pode levar em conta a constituição dele. Pois, como o pensar e as regras do pensar devem ser o objeto (a lógica), é este o seu conteúdo característico imediato; nisso ela tem também aquele segundo elemento do conhecimento (Erkenntnis), uma matéria, de cuja constituição se ocupa[43].

42. HÖSLE, V. *O sistema de Hegel* – O idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade. São Paulo: Loyola. 2007, p. 83.

43. *Wissenschaft der Logik* – Werke in 20 Bänden. Vol. 5. Frankfurt am Main: Surhkamp, 1990, p. 36. "*Fürs erste* aber ist es schon ungeschickt zu sagen, dass die Logik von allem *Inhalte* abstrahiere, dass sie nur die Regeln des Denkens lehre, ohne auf das Gedachte sich einzulassen und auf dessen Beschaffenheit Rücksicht nehmen zu können. Denn da das Denken und die Regeln des Denkens ihr Gegenstand sein sollen, so hat sie ja unmittelbar daran ihren eigentümlichen Inhalt; sie hat daran auch jenes zweite Bestandstück der Erkenntnis, eine Materie, um deren Beschaffenheit sie sich bekümmert". Existe uma tradução espanhola: *Ciência de la lógica*. Op. cit., p. 58.

Mais quais são estes conteúdos?

> Até hoje, o conceito de lógica se baseia na separação definitiva pressuposta na consciência comum do conteúdo do conhecimento e da forma do mesmo, ou da verdade e da certeza. Pressupõe-se primeiro que a matéria do conhecimento existe como um mundo pronto em si e para si fora do pensar, que o pensar para si é vazio, que se acrescenta como forma externa àquela matéria, completando-se com ela, só então adquirindo um conteúdo, e tornando-se um conhecimento real[44].

Aqueles que falam desse conceito de "pensar", segundo Hegel, não saíram do nível da *Fenomenologia do Espírito*, pois não compreendem que o intento máximo dessa obra é justamente o de superar a cisão entre sujeito e objeto.

O primeiro movimento da *Ciência da Lógica* é o prefácio à primeira edição que revela o contexto filosófico das intenções de Hegel para esta obra e suas ligações com a *Fenomenologia do Espírito*. Em seguida, em um prefácio à segunda edição, Hegel revela o pensamento e a linguagem e defende sua posição perante críticas da época. A *Lógica Objetiva* começa realmente em sua introdução, onde é exposto *O conceito geral da lógica* e apresenta a divisão desta ciência da lógica em *lógica do ser, lógica da essência* e, por fim, *lógica do conceito*.

---

44. Ibid., p. 36-37. "Der bisherige Begriff der Logik beruht auf der im gewöhnlichen Bewusstsein ein für allemal vorausgesetzten Trennung des *Inhalts* der Erkenntnis und der *Form* derselben, oder der *Wahrheit* und der *Gewissheit*. Es wird *erstens* vorausgesetzt, dass der Stoff des Erkennens als eine fertige Welt ausserhalb des Denkens an und für sich vorhanden, dass das Denken für sich leer sei, als eine Form äusserlich zu jener Materie hinzutrete, sich damit erfülle, erst daran einen Inhalt gewinne und dadurch ein reales Erkennen werde". Existe uma tradução espanhola: *Ciencia de la lógica*. Op. cit., p. 19.

O primeiro livro da *Ciência da Lógica* – A Doutrina do Ser (*Die Lehre vom Sein*) – se inicia com uma seção que nos traz uma pergunta fundamental: qual deve ser o começo da ciência? (*Womit muss der Anfang der Wissenschaft gemacht werden?*). Esta exposição que Hegel faz tem por finalidade examinar em detalhe o problema do começo da lógica e do começo da própria filosofia geral, demonstrando que não parte do pressuposto de Fichte e do primeiro Schelling como um *Eu puro*, mas como verdadeiro ser[45]. Com verdade, a *Ciência da Lógica* é uma tríade dentro de outra tríade: "Uma tríade inteira tem frequentemente o mesmo título que o primeiro termo da tríade, em parte por Hegel acreditar que um universal (genérico) se especifica num universal (específico), um particular e um individual"[46].

Na *Doutrina da Essência* (*Die Lehre vom wessen*), segunda parte da *Lógica Objetiva*, Hegel parte da *Essência como reflexão em si mesma* onde afirma: "A essência é em primeiro lugar reflexão. A reflexão se determina; suas determinações são um ser posto que ao mesmo tempo é reflexão em si. Em segundo lugar, temos que considerar destas determinações, as reflexões que querem se dizer essencialidades. Em terceiro lugar a essência, como reflexão do determinar em si mesmo, converte-se em fundamento e transpassa na existência e na aparência"[47]. A aparência (*erscheinen*)[48] em Hegel

---

45. Este ainda é o ponto-chave dos críticos de Hegel como Feuerbach, Schopenhauer, Kierkegaard que se interrogam por que não começar com o ser mesmo? Por que ter que criar um começo do começo para somente depois verdadeiramente começar?

46. INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 63.

47. HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik* – Werke 6, p. 17 [Trad. espanhola, p. 13].

48. Aparência pode se dizer de duas formas em alemão. *Schein* deriva do verbo *Scheinen*: brilhar, fulgir e *Erscheinen*: aparecer. Ambas podem ser usadas na acepção de aparecimento.

gera um mundo que é essencial ou em-si-mesmo. Para Hegel, a verdade do ser é a essência. Curiosamente, antes de falar das relações entre essência e a aparência, Hegel trata das essencialidades, isto é, das características da essência em si mesma, verificando que a metafísica tradicional chamava sua essência de identidade e de diferença. Estes princípios foram rejeitados por Hegel, pois o princípio de identidade diz que toda coisa é ela mesma. Para Hegel isto se chama tautologia, pois é a negação vazia nela mesma. Logicamente, por essa contradição, as coisas finitas remetem a um fundamento. O fundamento é a essência como razão de ser daquilo que aparece, do fenômeno, é aquilo pelo qual o fenômeno vem à luz.

A segunda parte da *Ciência da Lógica* constitui a *Lógica Subjetiva* que apresenta-se em sua única parte, e última de toda a *Ciência da Lógica*, *A Doutrina do Conceito* (*Die Lehre vom Begriff*), onde, em sua primeira seção, Hegel nos fala da *Subjetividade* que se ocupa do conceito (universal e particular) como esferas de um universo individual.

A lógica do conceito marca a passagem da necessidade para a liberdade, do determinismo causal para a livre exposição do conceito. A passagem da essência ao conceito se dá da seguinte forma: a essência é a *verdade do ser*, quer dizer, o verdadeiro ser, o fundamento. O fundamento, a razão de ser, é o conceito.

Quinta lição

O sistema da ciência: a ciência da lógica[49]

Nas palavras de Hösle "O sistema de Hegel é incontestavelmente um dos mais coesos projetos de pensamento da história da filosofia"[50].

Hegel se coloca vivamente na ideia de formular preliminarmente os pontos básicos dos núcleos fundamentais de um edifício filosófico. O motivo dessa atitude está no fato de que tais pontos básicos, ainda que fossem verdadeiros em si mesmos, podem ser falseados. Os mecanismos utilizados por Hegel como pontos basilares se encontram em sua obra, uma das mais ricas e mais complexas que já foram escritas. Toda a filosofia de Hegel é a exposição de seu "método" e seu "sistema" que é a dialética. Assim, a cada passo ele vem demonstrando certa circularidade.

A definição de sistema que Hegel admite é a definição kantiana: "Por sistema, no entanto, compreendo a unidade dos conhecimentos múltiplos sob uma ideia. Esta última é o conceito racional da forma de um todo na medida em que tanto a extensão do múltiplo quanto as posições que as partes

---

49. Não confundir a *Ciência da Lógica*, chamada de grande lógica com a primeira parte da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* que também se chama de *Ciência da Lógica*.

50. HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. Op. cit., p. 17.

ocupam umas em relação às outras são determinadas *a priori* por tal conceito"[51]. Na compreensão de Hegel, sistema é a essência de qualquer filosofar: "Um filosofar *sem sistema* não pode ser algo científico; além de que tal filosofar exprime para si, antes, uma mentalidade subjetiva: é a contingência segundo o seu conteúdo"[52]. Assim, um sistema, para Hegel, é a fundamentação necessária ao filosofar distintamente, isto é, fazer com que a filosofia possa se elevar como meta de sua filosofia exposta na *Fenomenologia*: "A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência – meta em que deixe de chamar-se *amor* ao saber para ser *saber efetivo* – é isto o que me proponho"[53].

O sistema da ciência (gráfico 4) de Hegel seria então composto pela *Fenomenologia do espírito* de 1807, *A Ciência da Lógica* de 1812-1816, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1830), e por fim do prefácio à segunda edição da *Ciência da Lógica* de 1831. A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (gráfico 5) exposição máxima do sistema compõe-se de "Ciência da Lógica", "Filosofia da Natureza", "Filosofia do Espírito". A *Ciência da Lógica* contém as determinações fundamentais da razão e, portanto, da realidade, pois, "o que é racional é racional-efetivo" e vice-versa. Hegel se situa na corrente do idealismo alemão, em continuidade a Kant, Fichte e Schelling e com consciência de ter levado a termo e à perfeição esse pensamento. Faz o idealismo remontar a Platão, pois a ele atribui o princípio

51. KANT, I. *Crítica da razão pura*. Op. cit., p. 657 [A832, B860].

52. HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Op. cit., p. 55: Ciência da Lógica § 14. • HEGEL, G.W.F. *Werke in Zwanzig Bänden*. Band. 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, p. 59.

53. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Vol. 1. Op. cit., p. 23. Werke 3, p. 14.

de identificação entre o racional e o real-efetivo. Considera o idealismo como a conquista definitiva da razão, que superou o realismo antigo. A verdade não reside na realidade exterior do mundo, que a mente humana pretende descobrir e abrigar. Ao contrário, a inteligibilidade que há nas coisas é a própria inteligência que nelas se reflete. Essa lógica de Hegel é na verdade uma metafísica postulada e idealista tendo em vista as determinações do ser e do pensar.

Na *Enciclopédia*, em seu primeiro volume, Hegel teoriza o ser e suas relações: "O *ser puro* constitui o começo, porque é tanto puro pensamento quanto é o imediato indeterminado, simples; ora, o primeiro começo não pode ser algo mediatizado e, além do mais, determinado"[54]. Logo, em Hegel, o começo é absolutamente a compreensão de que não há um começo genuinamente dado, por isso começa-se pelo começo do começo indeterminado. Grande parte das críticas que Schelling faz ao sistema de Hegel está contida na obra *História da filosofia moderna*[55] de 1827 onde, para Schelling, Hegel não percebe que sua filosofia é meramente negativa (ou subjetiva, deixando o objeto fora de si) e procura estabelecer o conceito como sendo algo de absoluto, englobando todas as coisas. Schelling ainda acredita que Hegel pensa que o ser puro é o que há de mais objetivo, onde não há nada de sujeito. Mas isso não faz sentido, porque o próprio movimento lógico ou dialético na *Lógica* de Hegel só é possível a partir de sua relação com um filosofante. Schelling, por fim, diz que a proposição "o ser puro é o nada" é ou tautológica ou tem a forma de um juízo[56]. De ser e nada não conseguiremos chegar ao devir.

54. HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Vol. I. Op. cit., p. 175. Werke 8, p. 182-183.

55. Existe uma tradução brasileira somente da parte em que Schelling critica Hegel. *História da filosofia moderna*: Hegel (1827) [SCHELLING, F. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1980, p. 155-178].

56. Cf. SCHELLING, F. *História da filosofia moderna*. Op. cit., p. 158.
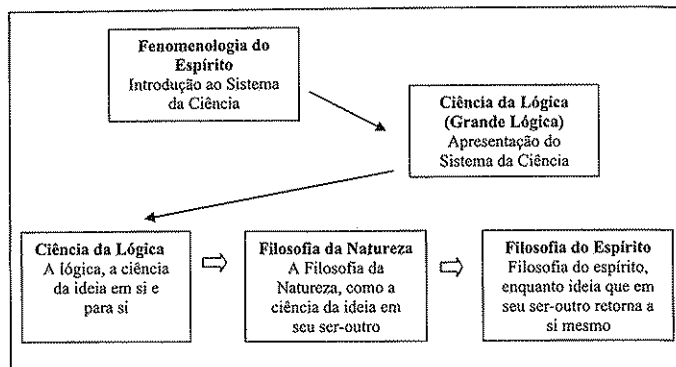
GRÁFICO 4. O sistema de Hegel

A *Ciência da Lógica* (gráfico 5a) é sem dúvida uma das obras mais difíceis de toda a história da filosofia[57]. Além do mais, Hegel é por deveras mergulhado em uma linguagem filosoficamente metafísica onde os dados de compreensão se alternam mediante os conceitos[58].

---

57. Cf. HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. Op. cit., p. 183. "A *Ciência da Lógica* de Hegel é considerada geralmente um dos livros mais difíceis de toda a história da filosofia. Para tal dificuldade contribuem essencialmente duas coisas: em primeiro lugar, o alto nível de abstração dos desenvolvimentos conceituais que por natureza são extremamente não concretos; em segundo lugar, as frequentes alusões, de um lado, a teorias metafísicas e lógicas de uma tradição que vai desde Parmênides até Fichte e Schelling e, de outro lado, a teorias cientificas de seu tempo".

58. Cf. BOURGEOIS, B. "Muitos 'ultrapassaram' Hegel, mas sem passar por ele. No caso de Hegel, é mais fácil superá-lo afirmando compreender Hegel melhor que o próprio, do que passar pelo tremendo trabalho de procurar compreender o que ele efetivamente disse" (A Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel. In: HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*. Op. cit. Vol. 1: A Ciência da Lógica, p. 376.
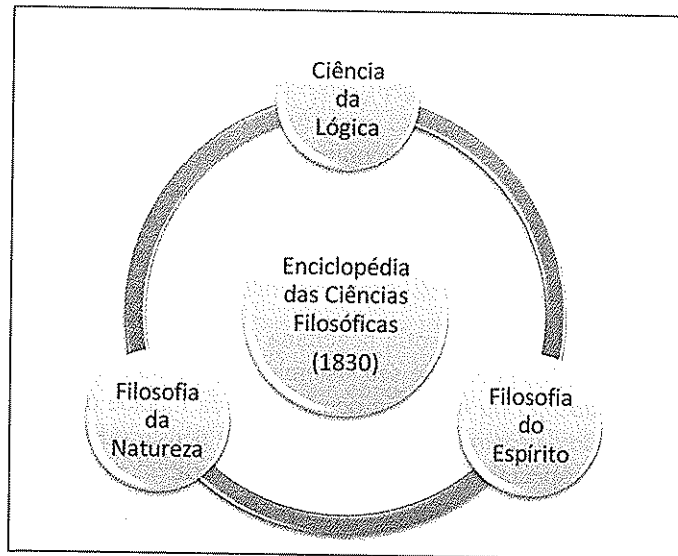
GRÁFICO 5. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas
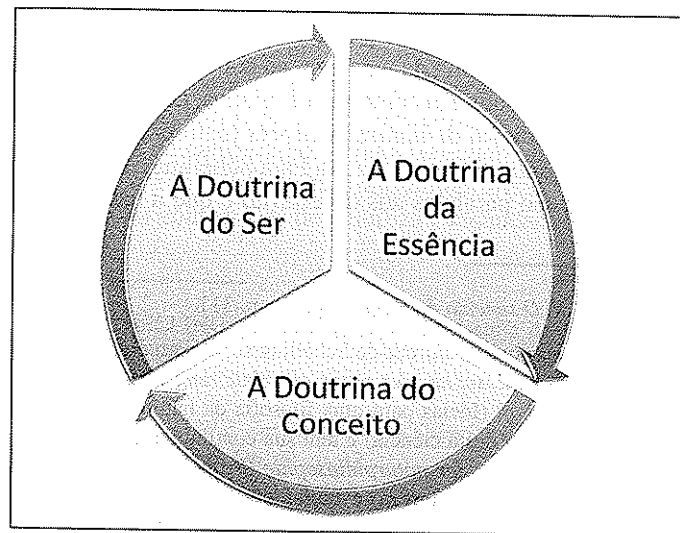
GRÁFICO 5a. A ciência da lógica

SEXTA LIÇÃO

A Filosofia da Natureza

Para Hösle a filosofia hegeliana da natureza "é a parte mais negligenciada de seu sistema"[59]. Curioso é perceber que a *Filosofia da natureza* ocupa mais da metade de toda a extensão da *Enciclopédia*, o que nos faz pensar que Hegel tinha um especial apreço para com a natureza.

A *Filosofia da Natureza (Naturphilosophie)* (gráfico 5b) ocupa o segundo volume da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e tem por objetivo fazer um contraste com as duas outras partes da *lógica e do espírito*. Schelling é autor de um tratado sobre a natureza que ganha enormes proporções[60]. No seu entender, a filosofia da natureza, ao contrário das ciências naturais, trata a natureza como viva e criativa, adotando assim o conceito medieval de *natura naturans* (natureza criativa) e *natura naturada* (natureza criada). Para Schelling, os estágios da natureza são paralelos aos do espírito e que a natureza "é

59. HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. Op. cit., p. 311.

60. Os escritos sobre a natureza de Schelling se iniciam em 1796 com *Ideen zu einer Philosophie der natur als Einleitung in das Studium dieser Wissenschaft* (Ideias para uma filosofia da natureza como introdução ao estudo desta ciência) e tem sua continuidade com *Erster Entwurf eines System der naturphilosophie* (Primeiro projeto de um sistema da filosofia da natureza) e *Einleitung zu dem Entwurf einers System der Naturphilosophie* (Introdução ao projeto de um sistema da filosofia da natureza), ambos de 1799.

apenas a inteligência convertida na rigidez do ser, suas qualidades são sensações extintas para o ser"[61].

Curiosamente, no começo da *Filosofia da Natureza*, Hegel utiliza-se de Goethe para exemplificar a intenção de provar como a ciência de cunho analítico e mecanicista, predominante em sua época, acabava por realizar uma cisão aparentemente inconciliável entre o aspecto universal e sua teoria sobre a natureza e sua particularização. Esta primeira referência a Goethe não foi retirada de nenhum de seus escritos sobre a natureza, mas sim de sua magna obra *Fausto*, fato que revela as pretensões de Hegel em instaurar uma dinâmica entre concepção estética e concepção poética.

Em sua *Filosofia da natureza* Hegel critica muito as concepções de natureza de Schelling, principalmente por elaborar analogias imaginativas e iniciar o processo de compreensão da natureza a partir dos modos de considerá-la como natureza. Dessa forma, essa filosofia da natureza caiu no descrédito[62], mas também concorda com a concepção de Schelling de que a natureza é a ideia somente em si, e que por isso a tinha chamado corretamente de "*a inteligência petrificada*"[63]. Na introdução de sua obra nos diz Hegel: "Para encontrar o *conceito de natureza* temos, *primeiro*, de dar o conceito da filosofia da natureza em geral e, *segundo*, de desenvolver a *diferença entre física e filosofia da natureza*"[64]. Passando por todas as convenções de natureza e alcançando a ideia de

61. Cf. SCHELLING, F. Ideias para uma Filosofia da Natureza. In: *Ausgewählte Schriften*. Band I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985, p. 250.

62. Cf. HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* –Vol. II: Filosofia da Natureza. Op. cit., p. 12.

63. Ibid., § 247, p. 26.

64. Ibid., Introdução, p. 14.

que a natureza não contém em si mesma o fim último absoluto, ela os transforma, pois quer seja imanente à natureza em geral, é, por si mesma, a natureza enquanto tal: "O que se denomina *física* chamou-se antes *filosofia da natureza*, e é consideração da natureza igualmente *teórica* e *pensante*, e que de um lado parte não de determinações estanhas à natureza, quais aquelas das finalidades; de outro lado é orientada ao conhecimento do *universal*.daquelas determinações de modo que ele seja *determinado* imediatamente"[65].
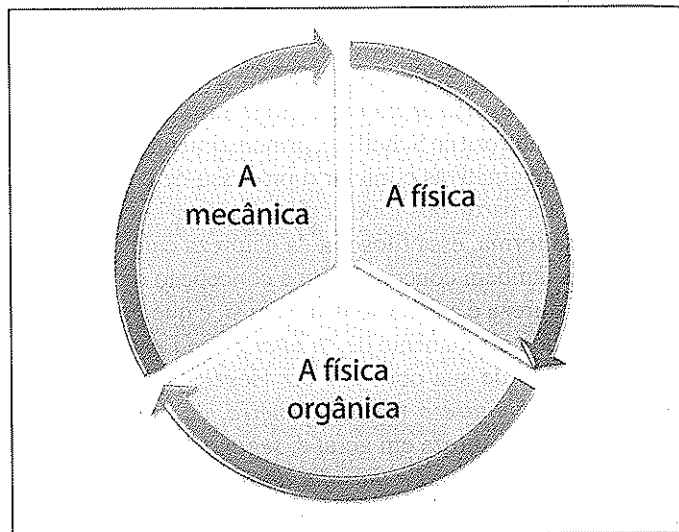
Gráfico 5b. A filosofia da natureza

Na *Filosofia da Natureza* o objeto de Hegel é "a ideia na forma do ser-outro"[66], a ideia exteriorizada ou naturada. A natureza, existência objetiva da ideia, é a ideia como outro

65. Ibid., § 246, p. 17.

66. Ibid., § 247, p. 26.

que não ela, ou seja, como exterioridade a si mesma. É a esfera da dispersão, da contingência, da finitude. Mas a ideia está imanente à natureza, e por isso a uma outra razão "na" natureza: a ideia só é natureza como um outro que com ela é o entendimento do real. Esta *Filosofia da Natureza* é dividida em três partes singulares: a primeira, a *mecânica*, elemento da diferença, da exterioridade recíproca completa; a segunda, a *física*, em que a identidade está presente no nível da realidade diferente; e, por fim, a *física orgânica*, em que há a identidade da identidade e da diferença, porque os seres vivos integram a diferença na identidade.

Sétima lição

A Filosofia do Espírito

"O conhecimento do espírito é o mais concreto, portanto o mais alto e o mais difícil"[67]. Na *Filosofia do Espírito* (gráfico 5c), o espírito retorna a si, a partir da exteriorização e objetivação que constitui a natureza, chegando a três momentos sucessivos: o *Espírito subjetivo*, que é a alma, espírito da natureza, que dela emerge e a suprassume, passagem da natureza para o espírito propriamente dito; o *Espírito objetivo*, que abrange o direito, a moralidade e a eticidade, que depois Hegel trataria com mais ênfase em sua *Filosofia do Direito* e o *Espírito Absoluto*, que é a culminância de todo o sistema hegeliano: o absoluto, a ideia, a substância que é ao mesmo tempo sujeito, e nesse termo do processo dialético se sabe que em toda a sua verdade empregada, somente será no espírito que repousa sua noção mais clara, pois será lá que se conhece o espírito absoluto.

Dessa forma Hegel define *espírito*:

> O espírito tem *para nós a natureza* por sua *pressuposição*, da qual ele é a verdade e, por isso, seu princípio *absolutamente primeiro*. Nessa verdade, a natureza desvaneceu, e o espírito se produziu como ideia que chegou ao seu ser-para-si, cujo *objeto*, assim como o *sujeito*, é o *conceito*. Essa identidade é a *negativamente absoluta*, porque o conceito tem na natureza sua objetividade externa consumada, porém essa sua extrusão é suprassumida, e o conceito só é essa idealidade enquanto é retornar da natureza[68].

O espírito para Hegel é a verificação do desenvolvimento da efetivação que traz a noção de espírito novamente a seu ser mesmo, isto é, a natureza. Acrescenta Hegel ao final de sua justificativa à divisão da *Filosofia do Espírito*: "o espírito é sempre ideia; mas primeiro é só o conceito da ideia, ou a ideia em sua indeterminidade, no modo mais abstrato da realidade, isto é, no modo de ser"[69]. Hösle nos alerta: "A filosofia do espírito subjetivo não é uma das partes mais fortes do sistema de Hegel"[70].

O *Espírito objetivo* é o espírito comum consubstanciado em seus costumes, leis, instituições e no direito, é na realidade uma objetivação do espírito subjetivo. Já o *Espírito absoluto* engloba a arte, a religião e a filosofia, ao contrário do espírito subjetivo e objetivo, que são finitos, o *espírito absoluto* é infinito, uma vez que o espírito constitui um objeto para o próprio espírito e que necessariamente se reflete em algo distinto dele mesmo. O espírito é também absoluto no sentido de que ele está relativamente desligado da vida social de uma determinada comunidade. Diz-nos Hegel: "O espírito absoluto é tanto a *realidade* eternamente essente em si, quando retornando e retornada a si mesma: é a *substância* una e universal enquanto espiritual, o juízo [que a reparte] *em si* mesma e *em um saber, para o qual* ela existe como tal"[71].

---

67. HEGEL, G.W.F. Filosofia do espírito. *Enciclopédia...* Vol. III. Op. cit. § 377, p. 07.

68. Ibid., p. 15.

69. Ibid., p. 29.

70. HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. Op. cit., p. 377.

71. HEGEL, G.W.F. Filosofia do espírito. *Enciclopédia...* Vol. III. Op. cit., § 554, p. 339.

De acordo com esta concepção sistemática da filosofia hegeliana, a *Filosofia do Espírito* corresponde ao terceiro e último movimento da exposição do absoluto. É o momento em que a ideia lógica inicial, a qual pertence à concepção abstrata e imediata do ser, após ter-se exteriorizado na natureza, retorna a si; é o lugar onde a substância lógica conscientiza-se, como sujeito do processo de autodeterminação. Dizendo de outra forma, ao se apreender como *espírito*, a exteriorização da ideia do ser no *outro-natureza*, que se encontra submetida a leis alheias a si, isto é, alienada na objetividade do mundo natural, ressignifica-se em sua verdade. O *espírito* é, pois, sujeito e resultado do processo de suprassunção da lógica e da natureza, como momentos inter-relacionados. Assim nos diz Hegel:

> Essa suprassunção (*Aufhebung*) da exterioridade (*Äusserlichkeit*) – suprassunção que pertence ao conceito de espírito – é o que temos chamado de *idealidade*. Todas as atividade do espírito nada são a não ser maneiras diversas de recondução (*Zurückführung*), do que é exterior (*Äusserlichen*), à interioridade que é o espírito mesmo; só mediante essa recondução, mediante essa idealização ou assimilação do exterior, vem a ser, e é, o espírito[72].

Dessa forma a *Filosofia do Espírito* ocupa o momento em que a ideia de *espírito*, presente em potencial na lógica e objetivada na natureza, encontra-se com o seu conceito efetivado[73].

---

72. Ibid., § 381, p. 18-19.

73. Poderá se conferir mais sobre a *Filosofia do espírito* na tese de FELIPPI, M.C.P. *O Espírito como herança* – As origens do sujeito contemporâneo na obra de Hegel. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 104-120. • HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. Op. cit., p. 377-436.
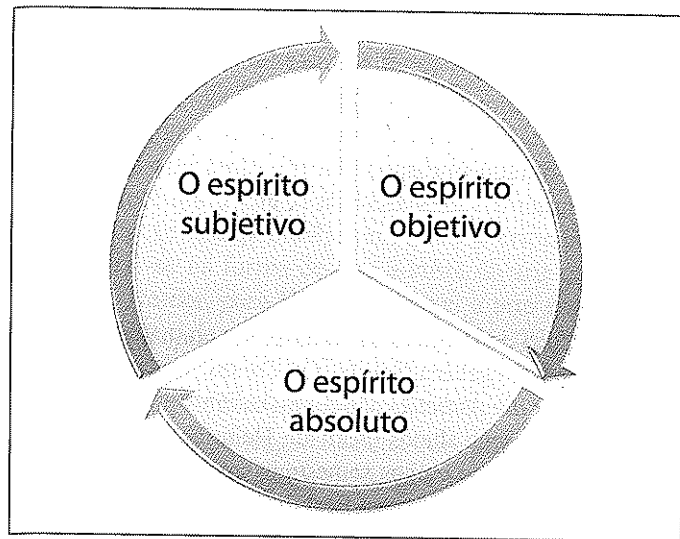
Gráfico 5c. A filosofia do espírito

OITAVA LIÇÃO

A estética

A Estética de Hegel é, na verdade, um conjunto de cursos proferidos por Hegel em Berlim. Os *Cursos de Estética (Vorlesungen über die Ästhetik)* não foram escritos por Hegel, mas sim por um de seus alunos chamado Heinrich Gustav Hotho. Hegel proferiu cinco cursos semestrais sobre estética, um em Heidelberg (1818) e quatro em Berlim (1820/1821, 1823, 1826, 1828/1829). Hotho compilou o material manuscrito de Hegel, os convolutos, e alguns cadernos de alunos que assistiram aos seus cursos e, após a morte de Hegel, publicou os *Cursos de Estética* em três volumes de 1835 a 1837. A edição definitiva da estética de Hegel veio a lume em 1841, sendo projeto para uma edição das obras completas de Hegel realizada pela *Verein von Freunden Verewigten* (Sociedade dos amigos do morto) que instituiu os cadernos de estética. Muito se fala sobre a autenticidade e do caráter duvidoso desta edição de Hotho[74], mas também estudiosos acreditam que não houve uma vontade consciente para ocorrer essa falsificação[75].

74. Georg Lasson, a partir de 1931, baseado em diversos outros cadernos de alunos presentes aos cursos de Estética de Hegel, tentou fazer uma nova edição, a qual não passou de um único volume chamado *A ideia e o ideal* (que serviu para a tradução parcial portuguesa). Em 1960, com a constituição dos *Hegel-Archiv* constatou-se a falsificação de Hotho por razões pessoais, estéticas e políticas. Hotho seria um defensor da arte religiosa e Hegel da arte prosaica; Hotho preocupado com a posição política nacional e Hegel com a democracia; Hotho preferia Goethe e Hegel a Schiller. Cf. WERLE, M.A. *A poesia na estética de Hegel*. São Paulo: Humanitas, 2005, p. 24-26.

Diferentemente de Kant, Hegel encontrou na arte uma atividade dotada de história e desenvolveu em seus cursos a ideia de arte tanto em seu conteúdo quanto em sua forma. Certo é que Hegel compreende que o nascimento dessa concepção está já em Herder, quando criticara Kant por concentrar-se na forma de arte à custa do seu conteúdo ou espírito. Herder, para Hegel, alcançou a arte enquanto arte mesma dentro de uma perspectiva histórica. Winckelmann[76], para Hegel, é o construtor da história da arte em sua infância, maturidade e envelhecimento.

A *Estética* de Hegel começa com uma introdução geral, onde é gerado seu objeto, que representa o belo artístico. A arte, como produto do espírito, é aqui superior à natureza: a beleza dos objetos naturais é bela apenas por ser o que são, a verdadeira arte e beleza só pode ser alcançada através da mente ou do espírito. Além disso, somente a beleza da arte pode ser estudada dentro dos moldes científicos. "Esta obra é dedicada à estética: à filosofia, à ciência do belo, e, mais precisamente, do belo artístico, pois dela se exclui o belo natural. Para justificar esta exclusão, poderíamos dizer que a toda ciência cabe o direito de se definir como queira; não é, porém, em virtude de uma arbitrária decisão que só o belo artístico é o objeto escolhido pela filosofia"[77]. Hegel demonstra que a

75. Logo, não há um texto verdadeiro e outro falso.

76. Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), o grande responsável pela superação da estética do *Aufklärung*. Autor da obra *Reflexões sobre a arte antiga*.

77. HEGEL, G.W.F. *Estética*. São Paulo: Abril, 1980, p. 79 [Col. Os Pensadores].

superioridade da ideia de arte se dá através do julgamento que se faz da compreensão de tal objeto de estudo: "julgamos nós poder afirmar que o belo artístico é superior ao belo natural, por ser um produto do espírito que, superior à natureza, comunica esta superioridade aos seus produtos e, por conseguinte, à arte"[78].

A *Estética* (gráfico 6) está assim dividida: primeiramente, *A ideia do belo artístico ou do ideal*; a segunda, *Desenvolvimento do ideal nas formas particulares do belo artístico;* e a terceira, *Sistema de cada arte individual*. Como fora dito, a introdução da estética hegeliana procura o lugar sistemático da filosofia da arte. Hegel decide por uma grande e fundamental história da estética, aquela que conduz a um claro predomínio do belo artístico sobre o belo natural; assim, temos uma orientação que deixa
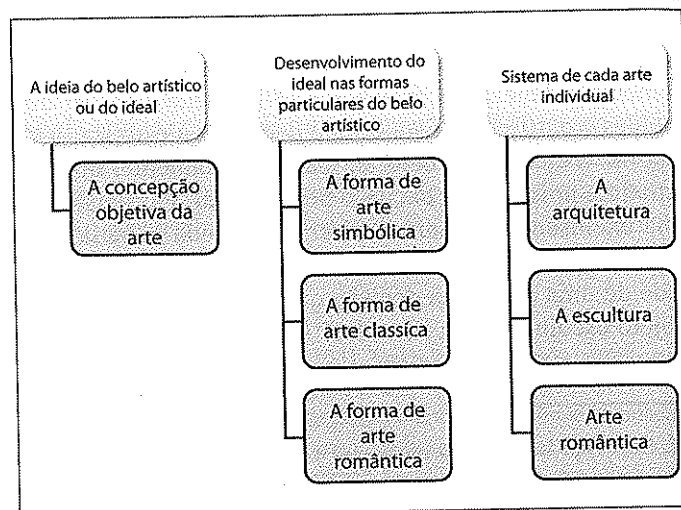
Gráfico 6. A estética de Hegel

78. Ibid., p. 79.

de lado a tese kantiana de arte destituída de significado a favor da experiência de significado ligada à espiritualidade da obra. Está é a tese central da estética hegeliana, a historicidade relativa à arte, e, portanto, ao juízo sobre esta, onde crítica e conhecimento comportam ideais necessários para a apreciação e interrogação da arte.

Hegel desenvolve a *Estética* em três conceitos. Podemos resumir as ideias relativas à obra de arte nas três proposições seguintes: 1) As obras de arte não são produtos naturais, mas produtos humanos; 2) As obras de arte são criadas para o homem e, embora recorram ao mundo insensível, dirigem-se à sensibilidade do homem; 3) A obra de arte tem um fim particular que lhe é imanente"[79]. Percebe-se que Hegel argumenta que a arte não resulta de uma aplicação de regras práticas ou consubstanciais, nem apenas do gênio ou da inspiração; ela é resultado da necessidade racional do homem de exaltar o mundo interior e exterior através da consciência que ele tem de si mesmo, no qual ele reconhece o seu próprio eu. Assim também, Hegel argumenta que, essencialmente, a arte não expressa diretamente sentimentos ou emoções, e por fim que a arte não é mero imitar da natureza, mas sua proposição fundamental é a particularização de seu objeto enquanto nele mesmo, pois para ele a arte tem um fim ou propósito inteiramente particular. Diz Hegel ao final desta introdução: "Se se quiser marcar um fim último à arte, será ele o de revelar a verdade, o de representar, de modo concreto e figurado, aquilo que agita a alma humana"[80].

Antes de chegar ao conteúdo de sua estética, Hegel passa por um percurso histórico do conceito de arte, considerando Kant, Schiller, Goethe, Winckelmann e Schelling, e em

79. Ibid., p. 108.

80. Ibid., p. 126.

seguida sobre a ironia e o romantismo[81]. Logo em seguida, Hegel inicia o plano geral da estética.

> Partindo destas considerações, poder-se-á dividir a nossa ciência em três seções principais: 1) Teremos, primeiro, uma parte geral que terá por objetivo a ideia geral do belo artístico enquanto ideal, bem como as mais íntimas relações que o belo apresenta com a natureza; 2) O conceito de belo artístico dá, em seguida, lugar a uma parte *especial* porque as diferenças essenciais abrangidas nesse conceito tornam-se numa sucessão de formas artísticas particulares; e 3) Teremos de considerar, enfim, a diferenciação do belo artístico, o progresso da arte na realização sensível das suas formas e no estabelecimento de um sistema que compreende as artes particulares e suas variedades[82].

Outro elemento processual do conceito aqui ganha forma, segundo Hegel, na referência às categorias de *universal, particular e singular* que apresentam um desenvolvimento histórico-espiritual do universo artístico que se afirma em

81. Quando Hegel trata dos românticos (os irmãos Schlegel: August e Friedrich), Novalis e outros, afirma que faltava-lhes espírito crítico para que seus escritos fossem considerados filosóficos. Isso gera um conflito a partir da concepção de que Schlegel e Novalis muito escreveram sobre filosofia, em especial sobre Fichte, e suas concepções eram feitas a partir de fragmentos e aforismos que muito influenciariam filósofos como Nietzsche, dentre outros. Dessa forma afirmamos que há uma filosofia dos românticos e que esta filosofia se ancora pelo pensamento em Goethe e Schiller em seus *Bildungsroman* como *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, *Afinidades eletivas* e *Os bandoleiros e Maria Stuart*. Cf. mais em SAFRANSKI, R. *Romanticismo* – Una odisea del espíritu alemán. Madri: Tusquets. 2009. E ainda do mesmo autor: *Schiller* – O la invención del idealismo alemán. Madri: Tusquets. 2006.

82. HEGEL, G.W.F. *Estética*. Op. cit., p. 141.

diferentes formas de arte, a saber: *simbólica, clássica e romântica*.

Comecemos pela forma clássica de arte, pois encontramos nela um paradigma de arte. Será na arte clássica que encontraremos a exibição própria da universalidade do artístico. O clássico, afirma Hegel, não constitui algo de imediato, mas é o resultado de um longo esforço; as obras clássicas não testemunham uma proximidade, mas contêm em si uma mediação espiritual. "O centro da arte é constituído pela união do conteúdo com a forma que se lhe adapta. Esta realidade externa que coincide com o conceito de belo, a que em vão se esforçavam por acrescentar a forma de arte simbólica, aparece somente com a *arte clássica*. Estabelecemos já no anterior estudo da ideia de belo e da arte a natureza universal do clássico"[83]. Dessa forma, quer nos dizer Hegel que a beleza clássica impõe-se na sua intemporal premência como um transformado, de tal modo que história e sistema acabam por se sobrepor. A arte simbólica tem outra característica preeminente que é o encontro com o seu outro: "Esta seria a primeira forma de arte, a simbólica, com a sua busca, com os seus fenômenos, com o seu caráter enigmático e sublime"[84]. Hegel diz aqui que a arte simbólica é uma *pré-arte* que contempla a evolução do conteúdo espiritual, desde o mundo pré-grego até a religião persa, pois o simbolismo consiste na forma de arte da comparação. Hegel considera a esfinge egípcia a expressão mais clara de arte simbólica, pois representa um ideal, seja de fé, seja de verificação histórica. O momento de passagem da arte simbólica para a arte romântica é o eixo da verificação do ver o belo e do desejo do belo como um todo, onde a condição de interpretação cria um equilíbrio entre seus objetos. A poesia é uma destas

83. Ibid., p. 481.

84. Ibid., p. 90.

manifestações em suas mais variadas formas: épica, lírica e dramática, como também a tragédia antiga e moderna, o teatro e a comédia. A forma de arte romântica cria, sob o ponto de vista oposto em relação à simbólica, a separação entre conteúdo e forma.

No último momento da *Estética* de Hegel, contempla-se *O sistema das artes*, onde a escultura e a arquitetura, rudimentar e sacra, demonstram o exterior, o sentido exterior da arte, uma forma de absoluto. Nas formas de escultura clássica, a presença espiritual torna-se humana, isto é, encontram-se conciliados os lados opostos da sensibilidade e do espírito, novamente manifesto na poesia, na música e na pintura. Da poesia dirá Hegel: "Ora, a poesia, a arte da palavra, constitui o terceiro termo, a *totalidade* que reúne em si a um nível mais elevado, no âmbito da própria interioridade espiritual, os dois termos das artes *figurativas* e da *música*"[85].

85. Ibid., p. 173.

NONA LIÇÃO

A Filosofia da Religião

A história da filosofia e a filosofia da história

A grande pergunta que se pode fazer é: em que momento as lições de Hegel (gráfico 7) podem ser incluídas dentro de seu sistema filosófico? As lições sobre Filosofia da Religião não foram publicadas em vida por Hegel; novamente esta obra foi montada a partir de notas deixadas por Hegel das aulas e por apontamentos feitos por alunos. As *Lições sobre a Filosofia da Religião (Vorlesungen über die Philosophie der Religion)* foram lecionadas em diferentes anos, o que dificulta sua organização, a saber, em 1821, 1824, 1827 e finalmente em 1831. Outro detalhe é que Hegel nem sempre durante estes cursos, em diferentes datas, seguia a mesma exposição, deixando assim os manuscritos com corpos diferentes. A primeira edição destas lições surgiu em 1832, no ano seguinte à morte de Hegel, sob organização de Marheineke; em 1840 surge uma segunda edição, aumentada, que compreende alguns outros textos, e, finalmente, a edição definitiva, determinada por Lasson entre 1925 e 1929, que coleciona todos os manuscritos, textos e introduções[86].

86. Não existe uma edição brasileira. Na edição mais acessível, a espanhola está assim configurada. A introdução no livro *El concepto de la religión* e as lições nos três volumes de *Lecciones sobre filosofia de la religión.* Madri: Alianza, 1984 [Trad. de Ricardo Ferrara].

Hegel já tratava a religião como tema em sua obra desde a *Fenomenologia do espírito*, onde a religião demonstra-se: "como consciência da essência absoluta em geral"[87], mas somente como consciência e não como *consciência-de-si no espírito*.

A filosofia da religião é também, para Hegel, uma exposição sistemática de pensamento, onde não há um dualismo, isto é, não há duas razões ou dois espíritos, não existem uma razão divina e uma razão humana que operam cada uma por seu lado, mas sim uma única razão. A razão do homem é o que há de divino no homem e a ideia de espírito de Deus não é um espírito que se encontra lá no céu distante dos homens, como um ser extramundano. A intenção fundamental de Hegel consiste em situar dialeticamente identidade e diferença.

Na introdução aos cursos de filosofia da religião, Hegel analisa a natureza da religião em geral e suas relações com a filosofia, para assim chegar a uma filosofia da religião através de seu próprio desenvolvimento.
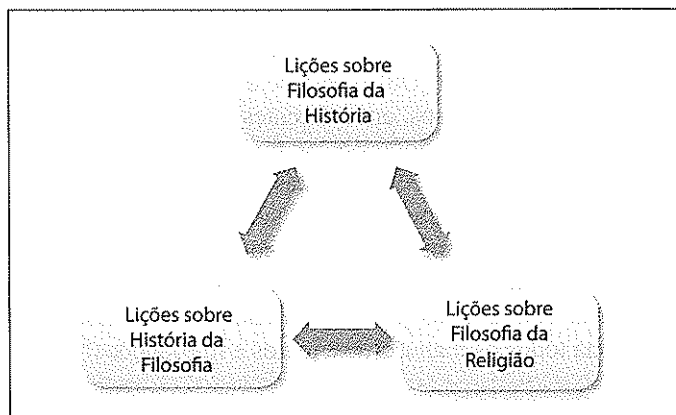
Gráfico 7. As lições de Hegel

87. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Parte II. Op. cit., p. 143.

Em um segundo momento, intitulado por Hegel de *Conceito de Religião*, surge a problemática de Deus e a relação religiosa com o culto divino, onde adentra na noção de sentimento e de fé através do conhecimento imediato da representação e do pensamento. Em nota preliminar ao *Conceito de Religião*, Hegel já estabelece sua finalidade e objeto: "O objeto destas lições é a filosofia da religião e o objeto da religião mesma é mais elevado, o absoluto"[88].

Hegel define a estrutura da filosofia da religião da seguinte forma:

> A religião enquanto fé, sentimento e intuição ingênua, consiste em geral no saber e na consciência imediatos. Por outro lado, tem lugar o abandono da imediatez do espírito, o ponto de vista da reflexão, a relação da religião e do conhecimento como sendo algo externo e um frente ao outro. A filosofia da religião, consiste, ao contrário, em: conhecimento *pensante, compreensivo* da religião, e nela se identificam o conteúdo absoluto, a forma absoluta (conhecimento)[89].
>
> [Assim] Sem mundo, Deus não é Deus[90].

As *Lições sobre Filosofia da Religião* vão se dividir após o *Conceito de Religião* da seguinte forma: a *Religião determinada* e a *Religião consumada ou absoluta*. A religião determinada consiste na religião natural, isto é, a religião primitiva e oriental, o judaísmo e a religião grega, a religião romana ou imperial, e a unidade entre religiões e pensamento. Na parte religião consumada, Hegel trata do cristianismo

88. HEGEL, G.W.F. *El Concepto de religión*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981, p. 57.

89. Ibid., p. 115.

90. Ibid., p. 191.

e de suas acepções, e analisa, ainda, os conceitos de Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O cristianismo, aqui, não é concebido somente como uma religião entre as outras, mas sim como *o retorno do conceito a si*"[91].

Em muitos dos momentos de suas lições, Hegel aponta para o avanço que as religiões tiveram em direção ao cristianismo, essa evolução é percebida através de seu surgimento histórico, político e de sua propagação pelo mundo, Hegel aponta, por exemplo, que o islamismo é uma religião inferior ao cristianismo por não trazer uma ideia clara de sentido e de crença, e aponta, também, que partindo de sua conceituação e de sua sequência cronológica não se saiu tão claramente como obteve a evolução filosófica.

As *Lições de História da Filosofia ou Introdução à História da Filosofia* (*Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*) que constituem esta obra são fruto das aulas que Hegel ministrou em seu primeiro curso em Jena (inverno de 1805-1806), Heidelberg durante o ano letivo de 1816-1817 e Berlim (verão de 1819, inverno de 1820-1821, 1823-1824, 1825-1826, 1827-1828 e 1829-1830. A sua redação foi concluída em Berlim e publicada postumamente por iniciativa de Karl Ludwig Michelet, que reuniu os manuscritos de seu mestre e os apontamentos dos seus alunos de Berlim em três volumes.

Estas lições são fruto de uma época madura do pensamento de Hegel, utilizando-se de uma linguagem que facilmente pode ser compreendida além de uma incrível preocupação didático-pedagógica.

A ideia de história da filosofia na Alemanha do século XVIII e XIX nunca fora estudada verdadeiramente e era pouco levada a sério; nem sequer era tratada como filosofia,

91. Cf. HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre filosofía de la religión*. Vol. 3. Madri: Alianza, 1984, p. 215 [Trad. de Ricardo Ferrara].

apenas como história. Para Hegel era importante estudar a história da filosofia e instituí-la como uma disciplina. Até 1790 só se tinha três histórias da filosofia que serviram de base para todo o século XVIII e XIX, a saber: D. Tiedemann, *O espírito da filosofia especulativa* (1791-1797), que para Hegel não era uma história da filosofia; J.G. Buhle, *Compêndio da história da filosofia* (1796-1804), que começava com o renascimento e era visivelmente kantiano, e W.G. Tennemann, *História da filosofia* (1798-1819) pela qual Hegel tinha mais apreço.

Hegel acreditava que a história da filosofia poderia funcionar como uma perfeita introdução à filosofia, a partir de características próprias para que os alunos tivessem uma espécie de historiografia da filosofia[92].

Em suas lições Hegel discute a natureza da filosofia, seu conceito e sua aplicabilidade e principalmente sua história, partindo de aspectos metodológicos de investigação e de questionamento. Descreve a filosofia oriental, em especial a chinesa e a indiana, e examina em detalhes a filosofia grega desde seus primórdios em Tales de Mileto até seu final em Proclo, texto esse que ocupa praticamente o decorrer de todas as suas lições. Em seguida, Hegel analisa a filosofia medieval e renascentista, contemplando os filósofos árabes, judeus e escolásticos. No momento seguinte interpreta a filosofia moderna de Bacon até Schelling, e por fim uma seção intitulada "resultado" foca o idealismo alemão e sua própria filosofia.

O texto chamado de filosofia da história é na verdade *Introdução à Filosofia da História* (*Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*) que compreende as lições que

92. Hegel é acusado de inventar a História da Filosofia como disciplina, o que geraria conhecedores de história da filosofia e dificultaria os alunos de *fazer filosofia*.

Hegel ministrou do inverno de 1822-1823 até o de 1830-1831 sobre *A filosofia da história universal*. Os materiais do curso foram se alterando mediante o que chegava às mãos de Hegel de novas publicações que lhe eram enviadas. Durante seus cursos, foram analisados em longa descrição o movimento dos povos históricos do mundo, principalmente a China e a Índia, e abordando, ainda, o mundo grego, o império romano, medieval e moderno. Muitos cursos foram alterados e somados a outros materiais; o filho de Hegel, Karl Hegel, editou algumas destas lições e posteriormente a edição de Hoffmeister congregou todos estes manuscritos e reuniram-se as lições chamadas de *Filosofia da História*.

A obra se inicia com uma introdução que é mais conhecida como *A razão na história* que, em um primeiro esboço, nos fala das variedades historiográficas para se encontrar uma conceituação de filosofia dentro da história ou como movente de uma história na qual se chega à história original, refletida e filosófica, em seguida o fundamento geográfico da história universal e, finalmente, a divisão da história universal. Hegel inicia o primeiro capítulo de sua *Filosofia da história* assim: "Senhores, o objetivo desta preleção é a filosofia da história universal. Não é nosso propósito extrair da história reflexões gerais, ilustrando-as por meio de exemplos tomados no curso dos acontecimentos, mas apresentar o próprio conteúdo da história universal"[93].

Em sua primeira parte, Hegel analisa o *mundo oriental*, onde verifica o sistema de castas, despotismo, a liberdade real e a religião unida pela liberdade, natureza e espírito das civilizações na China, na Índia, no budismo e na cultura persa. Em uma segunda parte, Hegel, parte do *mundo grego*, de seus elementos culturais, míticos, da configuração da bela individualidade e seus expoentes através da análise das guerras com os persas, a guerra do Peloponeso, Atenas, Esparta, o Império Macedônico e o declínio do espírito grego.

A terceira parte contempla o *mundo romano*, verificando sua personalidade jurídica perante os povos da humanidade e suas perspectivas perante a cristianização e as constantes lutas e batalhas pelo poder romano. Conclui esta parte no cristianismo e no Império Bizantino. A última parte da *Filosofia da história* de Hegel é dedicada ao *mundo germânico*, desde sua cristianização até a reforma protestante, passando em revista a idade medieval com o feudalismo, a hierarquia religiosa, as cruzadas e a transição para a monarquia. Hegel fala ainda da arte medieval e dos desenvolvimentos científicos. Dessa forma conclui suas lições: "a história universal é o processo desse desenvolvimento e do devenir real do espírito no palco mutável de seus acontecimentos – eis ai a verdadeira teodiceia de Deus na história. Só a percepção disso pode reconciliar a história universal com a realidade"[94].

Sem a menor dúvida, estas lições sobre a filosofia da história só demonstram a grande erudição de Hegel em tratar temas e elevá-los à conceituação.

93. Hegel, G.W.F. *Filosofia da história*. Brasília: UnB, 1999, p. 11 [Trad. de Maria Rodrigues e Hans Harden].

94. Ibid., p. 373.

DÉCIMA LIÇÃO

A Filosofia do Direito

A Filosofia do Direito de Hegel (gráfico 8) que apresenta sua filosofia política tem como verdadeiro título *Fundamentos da filosofia do direito natural e ciência política em compêndio*[95] (*Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrechts und Staatswissenschaft im Grundrisse*) escrita por Hegel e publicada em 1821. A finalidade desta obra, segundo o próprio Hegel, é estabelecer um manual para que se possa seguir suas aulas sobre a Filosofia do Direito, que, na verdade é uma continuidade

GRÁFICO 8. A Filosofia do Direito

95. Também pode ser chamada de *Linhas fundamentais da Filosofia do Direito*.

da segunda seção da *Filosofia do Espírito* no terceiro volume da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, chamada de *Espírito objetivo*. Em uma segunda edição em 1833, seu editor E. Gans acrescentou aditamentos e anotações a partir das aulas de Hegel.

Muitos dos conceitos desenvolvidos por Hegel na *Filosofia do Direito* são explicitados e delongamente explicados em obras como *Fenomenologia do espírito* e principalmente na *Ciência da Lógica*, a partir de suas tríades lógicas do *em-si, para-si e em-para-si*[96].

A *Filosofia do Direito* de Hegel é filha de seu tempo, pois a filosofia política desenvolvida por Hegel pretende ser a expressão especulativa de um sistema político que deve ter como base a autocompreensão histórica de uma época, onde a característica da liberdade é sua principal limitação e desejo de ser alcançada. A esta ideia ou princípio podemos chamar de *princípio da liberdade subjetivo*, que basta a si

96. *Sich* em alemão é a terceira pessoa do pronome reflexivo, que é singular e plural e cobre todos os gêneros, assim pode significar *si mesmo, ele mesmo, eles mesmos, um e outro*. Hegel ainda utiliza: *in sich* (dentro de si, em seu próprio íntimo); *bei sich* (de acordo consigo mesmo) e *ausser sich* (fora de si). Em-si (*an sich*) era usado para traduzir as expressões platônicas de *forma e ideia* como, por exemplo: *"O belo é em si"*. Para Kant, uma coisa *an sich* é uma coisa à parte a sua relação com a nossa cognição e o modo como se nos apresenta. Hegel geralmente a utiliza em seu sentido corrente, um ser finito só possui uma natureza determinada em virtude de suas relações com outras coisas; para Hegel, ao contrário de Kant, a *an sich* não é equivalente a *für sich* (para-si); *für sich*, em Hegel ganha ideia de contraste com a *an sich*. Na *Lógica*, Hegel exemplifica o ser-para-si não só pelo Eu, mas sobretudo pelo *um*, pois a ideia de algo que é *para-si*, está consciente de si, leva à ideia adicional de que uma identidade por ter *em si* certas características que não são *para-si*. Um bebê, por exemplo, é racional em si, mas não para si, portanto, não tem consciência de que é racional; um escravo é, como um homem, livre em si mesmo, mas pode não ser livre para si mesmo. Cf. mais nos verbetes *em si, para si, em e para si, ele mesmo* etc. em INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 109-112.

mesmo. Para Hegel, o direito não busca fora de si uma ideia que lhe dê suporte de validade denominada, na cultura jurídica, justiça. A justiça para Hegel é o próprio direito que se efetiva na história.

Hegel apresenta a *ciência do direito* compreendendo a jurisprudência e a filosofia moral e política. Inicia a obra em um prefácio, exemplificando o método especulativo de cognição entre filosofia, direito e liberdade. Sua principal preocupação é demonstrar que desenvolverá a ideia de direito a partir do próprio conceito de direito, que por sua natureza é a efetividade de sua realidade, dessa forma a *Filosofia do Direito* de Hegel não está interessada em termos pejorativos como os sistemas sociais e políticos, mas em sua estrutura racional ou essencial. O conceito de direito, para Hegel, formula-se na ideia do *livre-arbítrio*: "O domínio do direito é o espírito em geral; aí a sua base própria, o seu ponto de partida está na vontade livre"[97]. Ainda nesta introdução Hegel define três fases da vontade como noções de liberdade. O primeiro conceito será o de *imediato* que se chamará *Direito abstrato* que desvenda o conceito de pessoa e aplica-se na propriedade, no contrato e na injustiça; no segundo conceito Hegel traz a vontade que reflui de volta a si mesmo e corresponde à *Moralidade subjetiva*, onde há a conceituação de subjetividade e objetividade para se alcançar o ideal de responsabilidade e bem-estar e, por fim, o bem e a certeza moral. No terceiro conceito surge a união à vida ética, isto é, a *Moralidade objetiva*, que implica que o dever moral é a verdade como princípios para a família, a sociedade civil e o estado.

Hegel utiliza a expressão estado (*staat*) em dois sentidos: 1) Um estado em contraste com outros estados que

97. HEGEL, G.W.F. *Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 12 [Trad. de Orlando Vitorino].

contempla o povo, um território ocupado e uma organização política; Hegel usa estado para designar a *polis grega*, que em seu modo de ver não era integrada e articulada como o estado moderno. 2) O estado, em contraste com outros aspectos da sociedade, especialmente a família e a sociedade civil.

O *estado* em Hegel pode ser compreendido em consonância com os principais conceitos da *Filosofia do Direito*. No direito abstrato, o estado protege os direitos das pessoas; na moralidade, o estado é avaliado pela interpretação que se faz mediante a noção de moral de um povo ou sociedade; já para a família, o estado é contrastado com a sociedade civil, onde existem leis que vigoram em sua particularidade. O estado se configura também como *direito constitucional e direito internacional*, mediante seu elemento individual que é o monarca, o poder executivo ou governamental, e o elemento universal que é o legislativo.

Assim nos coloca Salgado sobre a finalidade da *Filosofia do Direito*:

> A filosofia do direito de Hegel é um diálogo entre a ordem e a liberdade no mundo moderno, que assinala duas preocupações: a) introduzir no Estado ético, segundo o modelo clássico, o princípio da subjetividade ou das liberdades individuais (da autonomia da vontade), preservando a unidade do Estado como fim ético do indivíduo, e b) introduzir na concepção de Estado o modelo *poiético* do trabalho que, por ser mediador da formação, assume, da mesma forma, um caráter ético e se insere, a partir do sistema das necessidades, num sistema de liberdade[98].

98. SALGADO, J.C. *A ideia de justiça em Hegel*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 502-503.

Hegel está consciente de que o homem livre é o que tem em si todas as condições para realizar-se livremente, portanto condições espirituais e materiais. O que Hegel pretende, na *Filosofia do Direito*, é superar o liberalismo político da Revolução Francesa e o econômico da sociedade civil, cujas contradições se resolvem no estado ético, buscando a justificação racional do direito. A noção de justiça para Hegel é a composição dialética dos valores, nos âmbitos ético e social, e a compreensão moderna de Estado.

Já no artigo de 1802-1803 sobre *As diferentes maneiras de tratar cientificamente o direito natural*, Hegel retoma em particular o estudo das relações entre o papel econômico e o político, a liberdade privada, negativa e indefinida e a liberdade concreta, positiva e infinita. A relação entre direito e ética é acentuada na discussão do Estado moderno, atividade que, segundo Hegel, parece constituir agora uma esfera inteira na qual, no interior do Estado, a vida natural da consciência se universaliza, mas que não é ela mesma o Estado, o universal verdadeiro, concreto, no qual o indivíduo tem seu *si mesmo* infinito.

Conclusão

A partir de tudo que demonstramos do pensamento e da obra de um dos maiores filósofos alemães gostaríamos de concluir inicialmente com as palavras do filósofo italiano Vittorio Hösle: "Primeiramente, deve-se reconhecer que a filosofia de Hegel é um dos mais ambiciosos, mas também um dos mais grandiosos projetos da tradição"[99]. O que Hösle quer dizer é que, dentro da história da filosofia, ninguém antes de Hegel conseguiu desenvolver um sistema filosófico que tivesse respostas para todos os sentidos e, se quisermos investigar até a mais remota concepção filosófica, encontraremos em Platão o único que tão dinamicamente apresentou a filosofia.

O *Absoluto* é uma das temáticas mais presentes dentro da obra do filósofo e grande historiador da filosofia G.W.F. Hegel. O termo absoluto para ele tem diversas conotações e pode ser interpretado de diversas formas. Hegel usa *absoluto* como adjetivo no decorrer de sua obra. A *Fenomenologia do espírito* termina com *O saber absoluto*, sendo contraste com o espírito e a religião; na *Ciência da Lógica* a conclusão da *Doutrina do Conceito* é a *Ideia absoluta* em contraste com a ideia de conhecer. Por fim, a última parte do sistema *A Filosofia do Espírito* da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* é o *espírito absoluto*. Sabemos que a *Lógica* é o coração do sistema, mas não é seu todo; o absoluto ultrapassa a esfera lógica na direção de seu conceito natural, pois a descrição da passagem da *Lógica* à natureza evoca a criação da própria ideia.

O leitor talvez tenha sentido falta de termos e jargões bem conhecidos dentro da filosofia hegeliana como *tese*,

99. HÖSLE, V. *O sistema de Hegel.* Op. cit., p. 721.

antítese e síntese; da expressão bem popular "O que é racional, é real-efetivo; e o que é real-efetivo é racional". Aqui tentamos mostrar Hegel como ele é; naturalmente, o conceito hegeliano de dialética contempla a tese, antítese e síntese, na globalidade de seu sistema, mas procuramos demonstrar o que realmente Hegel falou e o que ele desenvolveu em suas obras e suas aulas. O termo "O que é racional, é real-efetivo; e o que é real-efetivo é racional"[100], talvez também não seja de Hegel, pois será ele mesmo que sugerirá que pertence a Platão.

A grandiosidade do pensamento de Hegel está fundamentada na grande perspectiva que sua obra gerou e o impacto dentro da filosofia: difícil será fazer filosofia sem considerar seus conceitos de dialética, direito, liberdade, vontade, lógica, natureza, espírito, ironia, arte, estética, religião, história, história da filosofia e absoluto. Foram destas considerações que surgiram diversos pensadores que, criticando-o ou não, foram formados a partir de Hegel, como Schopenhauer, Feuerbach, Kierkegaard, Nietzsche, Marx, Freud e tantos outros.

Contemporaneamente falando, Hegel exerceu forte influência na filosofia atual. Hegel foi motivo de diversas interpretações do filósofo de *Ser e tempo* Martin Heidegger (1889-1976), que dedicou a ele obras que veiculavam a interpretação do sistema da ciência até a mais pura investigação sobre os gregos[101].

100. O vocabulário de Hegel é muito técnico e sua expressão não é a que comumente fora divulgada de: o que é racional é real e o que é real é racional e sim O que é racional é real-efetivo; e o que é real-efetivo é racional, isto é: *Was vernünftig ist, das ist wirklich; und das wirklich ist, das ist vernünftig.*

101. Cf. O conceito hegeliano de Experiência (*Hegels Begriff der Erfahrung*), 1943. • Hegel e os gregos (*Hegel und Griechen*), 1958. • A Fenomenologia do espírito de Hegel (*Hegels Phänomenologie des Geistes*), 1930. • A negatividade (*Die Negativität*), 1938. • Interpretação da "Introdução" da Fenomenologia do Espírito de Hegel (*Erläuterung "Einleintug" zu Hegels Phänomenologie des Geistes*), 1942.

Na interpretação de Heidegger, toda a trajetória da *Fenomenologia do Espírito* é uma representação de um *sistema* da ciência. A interrogação heideggeriana seria como este *sistema* se realiza. Hegel, na visão de Heidegger, elabora um único sistema que está apresentado na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. A importância real da *Fenomenologia do Espírito* é ser, apenas, uma primeira parte do sistema da ciência: "Até que ponto o sistema da ciência precisa da *Fenomenologia do Espírito* como primeira parte? Esta primeira parte se chama *Ciência da Fenomenologia do Espírito*"[102].

Heidegger compreende que a *Fenomenologia do Espírito* ocupa um duplo lugar no sistema da ciência de Hegel, e é "em certa forma a parte fundadora e encimentadora para o sistema e, por outro lado, não é nada mais que um ingrediente interno do sistema"[103], na relação deste duplo lugar, Heidegger interroga: 1) Como está sistematicamente fundamentado o duplo lugar da *Fenomenologia do Espírito*? 2) Até que ponto Hegel fundamenta seu sistema? 3) Que problema fundamental da filosofia aflora em seu duplo lugar a *Fenomenologia do Espírito*?[104]

Não faltaram críticas e elogios vindos da Escola de Frankfurt, que desempenhava uma atitude crítica na filosofia, em Theodor Adorno[105] (1903-1969), Max Horkheimer[106]

102. HEIDEGGER, M. *La fenomenologia del espiritu de Hegel*. Madri: Alianza, 1995, p. 12.

103. Ibid., p. 21.

104. Ibid., p. 22.

105. Cf. especialmente a *Dialética negativa* e a *Dialética do esclarecimento*, que fundaram a perspectiva crítica da filosofia perante a atual política social e filosófica.

106. Escreveu diversos artigos sobre Hegel e suas relações com o pensamento crítico. Cf. *Teoria crítica I*.

(1895-1973), Herbert Marcuse[107] (1898-1979) e autores mais atuais como Charles Taylor (1931-), que utiliza Hegel em sua ética do reconhecimento e o filósofo da linguagem e da mente Robert Brandom (1950-).

107. Autor do livro *Razão e revolução – Hegel e o advento da teoria social*, que por muito tempo foi o livro que apresentava os fundamentos da filosofia hegeliana.

REFERÊNCIAS

AQUINO, M.F. *O conceito de religião em Hegel.* São Paulo: Loyola, 1987.

ARANTES, P.E. *Hegel*: a ordem do tempo. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.

ARNDT, A. & IBER, C. (orgs.). *Hegels Seinlogik*: Interpretationen und Perspectiven. Berlim: Akademie, 2000.

BECKENKAMP, J. *O jovem Hegel* – Formação de um sistema pós-kantiano. São Paulo: Loyola, 2009.

BEISER, F. *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BONACCINI, J.A. *Kant e o problema do idealismo alemão.* Rio de Janeiro/Natal: Relume-Dumará/EDUFRN, 2003.

BOURGEOIS, B. *Hegel* – Atos do espírito. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

______. *O pensamento político de Hegel.* São Leopoldo: Unisinos, 2000.

BRAS, G. *Hegel e a arte.* Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CESARINO, H. "A razão *a priori* em Hegel". *Revista de Filosofia* – A questão do sujeito, dez./91. João Pessoa: UFPA/Departamento de Filosofia. Universidade Federal da Paraíba.

CHAGAS, E.F. et al. (orgs.). *Comemoração aos 200 anos da* Fenomenologia do Espírito *de Hegel.* Fortaleza: UFC, 2007.

FELIPPI, M.C.P. *O espírito como herança* – As origens do sujeito contemporâneo na obra de Hegel. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

FERREIRA, M.J.C. *Hegel e a justificação da filosofia.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1992.

FERRER, D.F. *Lógica e realidade em Hegel* – A ciência da lógica e o problema da fundamentação do sistema. Lisboa: CFUL, 2006.

FERRY, L. *Kant*: uma leitura das três "críticas". Rio de Janeiro: Difel, 2009.

FICHTE, J.G. *A doutrina da ciência de 1794*. São Paulo: Abril, 1980 [Col. Os Pensadores – Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho].

FLEISCHER, M. *Filósofos do século XIX*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

FREDERICO, C. *O jovem Marx* – 1843-1844: as origens da ontologia do ser social. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FULDA, H.F. *Das Problem einer Einleitung in Hegels Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1965.

GOMES, N.G. (org.). *Hegel*: um seminário. Brasília: UnB, 1979.

GONÇALVES, M.C.F. *O belo e o destino* – Uma Introdução à filosofia de Hegel. São Paulo: Loyola, 2001.

HADOT, P. *O véu de Ísis* – Ensaio sobre a história da ideia de natureza. São Paulo: Loyola, 2006.

HARTMANN, N. *A filosofia do idealismo alemão*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

HEGEL, G.W.F. *Fé e saber*. São Paulo: Hedra, 2007 [Trad. de Oliver Tolle].

______. *Diferenças entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling*. Lisboa: Casa da Moeda, 2003 [Trad. de Carlos Morujão].

______. *Estética*. 4 vols. São Paulo: Edusp, 2001-2004 [Trad. de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle].

______. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [Trad. de Orlando Vittorino].

______. *Estética*. Lisboa: Guimarães, 2000 [Trad. de Orlando Vittorino].

______. *Filosofia da História*. Brasília: UnB, 1999 [Trad. de Maria Rodrigues e Hans Harden].

______. *Propedêutica filosófica*. Lisboa: Ed. 70, 1999 [Trad. de Artur Morão].

______. *Discursos sobre Educação*. Lisboa: Colibri, 1999.

______. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. 3 vols. São Paulo: Loyola, 1995 [Trad. de Paulo Meneses e José Nogueira Machado].

______. *Ciencia de la lógica*. 2 vols. Buenos Aires: Solar, 1993 [Trad. de Augusta y Rodolfo Mondolfo].

______. *Prefácios*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1990.

______. *Lecciones sobre Filosofia de la Religión*. 3 vols. Madri: Alianza, 1984 [Trad. de Ricardo Ferrara].

______. *Escritos de juventud*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984 [Trad. de José M. Ripada].

______. *El concepto de religión*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

______. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979.

______. *Briefe von und an Hegel*. 3 vols. Hamburgo: [s.e.], 1969 [HOFFMEISTER, J. (org.)].

______. *Werke in zwanzig Bänden*. Frankfurt: Suhrkamp, 1969-1971 [MODENHAUER, E. & MICHEL, K.M. (orgs.)].

HEIDEGGER, M. *La fenomenología del espíritu de Hegel*. Madri: Alianza, 1995.

HEINRICH, D. *Hegel in Kontext*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.

HORSTMANN, R.-P. (org.). *Seminar*: Dialektik in der Philosophie Hegels. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989.

HÖSLE, V. *O sistema de Hegel* – O idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade. São Paulo: Loyola. 2008.

HYPPOLITE, J. *Gênese e estrutura da* Fenomenologia do espírito *de Hegel*. São Paulo: Discurso, 1999.

INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

KANT, I. *Critica da razão pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.

KERVÉGAN, J.-F. *Hegel e o hegelianismo*. São Paulo: Loyola, 2008.

KOPPER, J. *Das Transzendentale Denken des Deutschen Idealismus*. Darsmsdadt: Wissenschaftlicher Buchgesellschaft, 1989.

KRONER, R. *Von Kant bis Hegel*. Tübingen: Mohr, 1961.

LAUENER, H. *A linguagem na filosofia de Hegel*. Ijuí: Unijuí, 2004.

LEBRUN, G. *A paciência do conceito* – Ensaio sobre o discurso hegeliano. São Paulo: Unesp, 2006.

______. *O avesso da dialética* – Hegel à luz de Nietzsche. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

LIMA VAZ, H.C. *Ética e Direito*. São Paulo: Loyola, 2002.

LUFT, E. *As sementes da dúvida* – Investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana. São Paulo: Mandarim, 2001.

______. *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 1990.

MENESES, P. *Abordagens hegelianas*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2006.

______. *Hegel e a fenomenologia do espírito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

______. "Entfremdung e Entäusserung". *Ágora Filosófica* – O Pensamento Hegeliano, ano 1, n. 1, jan.-jun./01. Recife: Unicap-PE/ Departamento de Filosofia.

______. *Para ler a* Fenomenologia do espírito *de Hegel*. São Paulo: Loyola, 1985.

MORAES, A.O. *A Metafísica do Conceito* – Sobre o problema do conhecimento de Deus na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* de Hegel. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

NÓBREGA, F.P. *Compreender Hegel*. Petrópolis: Vozes. 2005.

ROSENFIELD, D.L. *Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

______. *Introdução ao Pensamento político de Hegel*. São Paulo: Ática, 1986.

______. *Política e liberdade em Hegel*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROSENZWEIG, F. *Hegel e o Estado*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SAFRANSKI, R. *Romanticismo* – Una odisea del espíritu alemán. Madri: Tusquets, 2009.

______. *Schiller* – O la invención del idealismo alemán. Madri: Tusquets, 2006.

SALGADO, J.C. *A ideia de justiça em Hegel*. São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, J.H. *Trabalho do negativo* – Ensaios sobre a *Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Loyola, 2007.

______. *Trabalho e riqueza na* Fenomenologia do espírito *de Hegel*. São Paulo: Loyola, 2002.

SCHELLING, F.J. *Ausgewählte Schriften*. Band I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

______. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1980.

SERRÃO, A.V. *A humanidade da razão* – Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, M.M. "A natureza especulativa da objetividade no idealismo absoluto da subjetividade e o formalismo do idealismo objetivo na intersubjetividade". *Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos*, vol. 1, n. 1, 2004.

SILVA FILHO, A.V. *Poesia e prosa* – Arte e filosofia na estética de Hegel. Campinas: Pontes, 2008.

SOUZA, J.C. *Ascensão e queda do sujeito no movimento jovem hegeliano*. Salvador: Centro Editorial Didático/UFBA, 1992.

TIMMERMANNS, B. *Hegel.* São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

UTZ, K. *Die Notwendigkeit des Zufalls* – Hegels spekulative Dialektik in der Wissenschaft der Logik. Paderborn: Schönningh, 2001.

VV.AA. *Hegel*: a moralidade e a religião. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

WEBER, T. *Hegel*: liberdade, Estado e história. São Paulo: Ática, 1993.

WERLE, M.A. *A poesia na estética de Hegel.* São Paulo: Humanitas, 2005.

na *Ciência da lógica* e suas manifestações que completam o sistema da ciência na *Enciclopédia das ciências Filosóficas* em três volumes.

Deyve Redyson é doutor em Filosofia pela Universidade de Oslo, Noruega; professor-adjunto de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, onde também trabalha no Programa de Pós-Graduação em Filosofia e em Ciências das Religiões; estudou na Dinamarca, Suécia, Alemanha e República Tcheca; pesquisa Hegel, os idealistas alemães e os pensadores críticos a Hegel: Feuerbach, Schopenhauer, Kierkegaard e o poeta alemão J.W. Goethe; autor dos livros: *Metafísica do sofrimento do mundo* (Ideia, 2009); *Dossiê Schopenhauer* (Universo dos Livros, 2009) e organizador dos livros: *Søren Kierkegaard no Brasil* (Ideia, 2008); *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach* (UFC, 2009) e *Arthur Schopenhauer no Brasil* (Ideia, 2010), além de vários artigos e capítulos sobre a filosofia nos séculos XVIII e XIX.